

CUIDAdania

Cuidado e Cidadania
na Construção da
Igualdade nas Escolas

COOLABORA^{CRL}

O melhor de ser rapariga

O melhor de ser rapariga é... *ser independente*

ser livre

O melhor de ser rapariga é... *ter liberdade*

de fazer o que quiser

O melhor de ser rapariga é... *ter a minha própria opinião*

que não é influenciada por ninguém

O melhor de ser rapariga é... *ter a minha própria vida*

sem depender de ninguém

O pior de ser rapariga

O pior de ser rapariga é... *ser julgada*

por tudo o que faço

O pior de ser rapariga é... *ter de lidar com a pressão*

de ser perfeita

O pior de ser rapariga é... *ter de lidar com a crítica*

de outras pessoas

O pior de ser rapariga é... *ter de lidar com a insegurança*

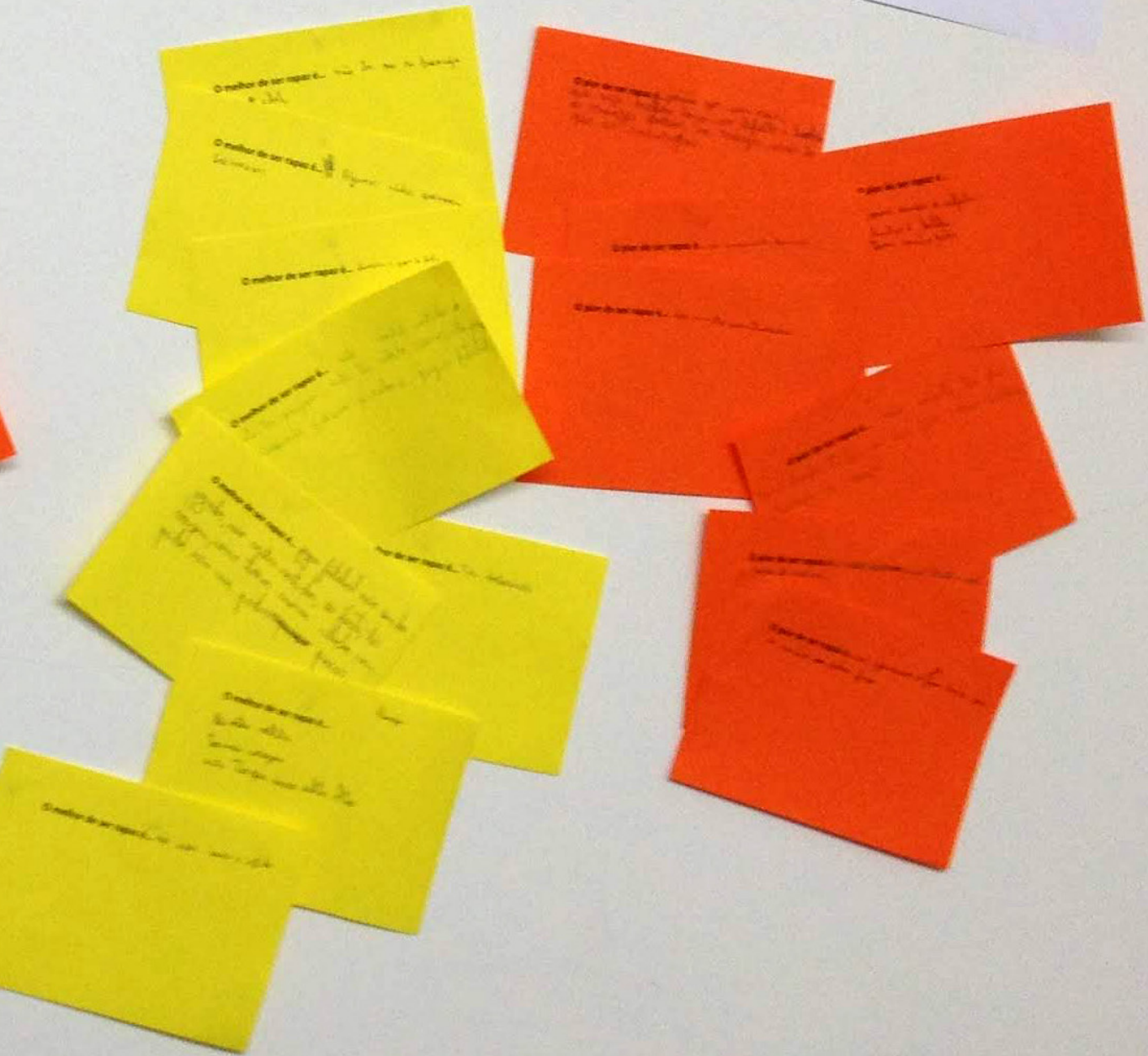
de não saber o que quero

O pior de ser rapariga é... *ter de lidar com a falta de apoio*

de algumas pessoas

O melhor de ser rapaz

O pior de ser rapaz



CUIDAdania

Cuidado e Cidadania na Construção da Igualdade nas Escolas

Edição

COOLABORA, CRL
Rua Combatentes da Grande Guerra, 62, r/ch
6200-020 Covilhã

Autoria

Rosa Carreira (coord.)
Sandra Silvestre
Graça Rojão

Design Gráfico

Hugo Duarte

Covilhã, 2021

Cofinanciado por:



ÍNDICE

INTRODUÇÃO:

PORQUÊ, O QUE É E PARA QUE SERVE ESTE GUIÃO	7
---	---

PARTE I

ENQUADRAMENTO

1. O PROJETO CIDADANIA	9
2. O PAPEL DAS ESCOLAS	11

PARTE II

PLANO DE INTERVENÇÃO PARA A IGUALDADE DE GÉNERO NAS ESCOLAS - ITINERÁRIO E RECURSOS

1. PASSO A PASSO	17
2. RECURSOS E PROPOSTAS DE EXPLORAÇÃO	
2.1. Guiões de Educação Género e Cidadania	29
2.2. Recursos disponíveis online para usar em contexto de sala de aula ou de educação não formal	37
2.3. Outros recursos da Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género	49
2.4. Construção da igualdade de género	50
3. GLOSSÁRIO	52
4. A FECHAR	56
BIBLIOGRAFIA	59

INTRODUÇÃO

PORQUÊ, O QUE É E PARA QUE SERVE ESTE GUIÃO

A persistência da desigualdade entre homens e mulheres está alicerçada numa cultura patriarcal ancestral, amplamente disseminada e reproduzida. A escola pode assumir um papel relevante quer na perpetuação dos estereótipos em que se funda a desigualdade quer no seu desmantelamento.

As escolhas profissionais de rapazes e raparigas começam a estruturar-se desde a infância e resultam de um longo processo de socialização que vai definindo o que é “próprio” de umas e de outros. Rapazes e raparigas são diferencialmente estimulados a escolher percursos que assentam no estereótipo da mulher cuidadora e do homem ganha-pão, reduzindo a priori o leque de possibilidades que as potencialidades de uns e de outras poderiam sugerir.

Muito do trabalho que é feito na perspetiva de dessegregação das escolhas profissionais procura, e bem, estimular as raparigas a escolherem percursos profissionais tradicionalmente ocupados por rapazes, no entanto, as tarefas e profissões ligadas ao cuidado, não obstante o seu contributo para o bem-estar colectivo, continuam a ter baixo reconhecimento social e elevada feminização, importando por isso apostar na sua valorização.

É importante promover uma educação livre de estereótipos de género associados às escolhas profissionais de rapazes e raparigas para que elas e eles escolham profissões e atividades ligadas ao trabalho pago, independentemente do género a que geralmente estas são associadas e eles e elas compreendam a importância do trabalho ligado ao cuidado (pago ou não pago) para a qualidade de vida e o bem-estar de todos/as.

CUIDAdania – Cuidado e Cidadania na Construção da Igualdade nas Escolas pretende ser um Guião que contribua para este objetivo.

Ele é um dos resultados do projeto com o mesmo nome, CUIDAdania, que apresentaremos brevemente a seguir e pretende servir para orientar e inspirar as Escolas ou organizações da sociedade civil que decidam promover um processo participativo para uma sociedade mais igualitária.

Divide-se em duas partes; uma primeira que faz o enquadramento do seu surgimento e uma segunda que nos apresenta um passo a passo para uma intervenção direta nas escolas e ainda vários recursos e sugestões para a sua utilização. Termina com um glossário que poderá ser útil para esclarecer alguns conceitos que continuam a levantar dúvidas entre a população em geral e mesmo entre técnicos e técnicas de intervenção social.

Por ter sido acompanhado na sua conceção por peritas, docentes, direções de Escolas e experimentado em 3 Escolas, cremos que será útil e de fácil utilização. Consideramos, contudo, que ele será apenas uma inspiração e que cada utilizador/a poderá adotá-lo, adaptando-o a diferentes realidades e contextos.

PARTE I

ENQUADRAMENTO

..... 1. O PROJETO CUIDADANIA

O projeto CUIDAdania, que deu origem a este Guião é um dos exemplos de como a mobilização das partes interessadas, envolvendo-as ativamente nos processos de transformação social, permite obter resultados positivos, malgrado o contexto de pandemia em que foi desenvolvido. A capacidade de adaptação a este contexto pandémico é também uma prova da importância deste envolvimento das pessoas e organizações que são as destinatárias do projeto.

Decorreu de Outubro de 2019 a Dezembro de 2021 e envolveu uma parceria coordenada pela CooLabora (promotora), o Município da Covilhã e a Universidade da Beira Interior (UBI) (entidades parceiras) e as escolas em que foi implementada a metodologia: Agrupamento de Escolas Pêro da Covilhã, Escola Secundária Campos Melo e Escola Secundária Quinta das Palmeiras. Foi financiado pelo Programa Operacional Inclusão Social e Emprego, tendo como organismo intermédio, a Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género.

A sua intervenção centrou-se, como referimos já, em contextos educativos e procurou promover uma educação livre de estereótipos de género associados às opções profissionais de rapazes e raparigas.

Para isso envolvemos ativamente alunas, alunos, docentes e ainda as direções dos três estabelecimentos de ensino em várias ações que, apesar de terem decorrido em contexto de pandemia de Covid 19, tiveram impactos positivos reconhecidos pelas partes interessadas.

De uma forma breve, apresentamos a seguir o que foram as principais ações do CUIDAdania, já que nos dá uma perspetiva da abrangência da intervenção que levou à criação da metodologia que o Guião propõe.

– **Oficinas formativas em género e cidadania para docentes** como ponto de partida para a apropriação da temática utilizando como ferramentas os Guiões de Educação, Género e Cidadania. As oficinas tiveram como foco central a dessegregação sexual das escolhas profissionais e contaram com uma perita em género e cidadania que participou na equipa de conceção destes Guiões.

Visaram responder às dificuldades sentidas por professores e professoras de várias áreas na abordagem da igualdade de género em contexto escolar, quer no âmbito da disciplina de Cidadania e Desenvolvimento quer na transversalização desta perspetiva na escola. As/Os 46 docentes que participaram reconheceram terem mudado a forma como ensinam as suas matérias. Cumpriu-se assim o objetivo de contribuir para a integração transversal da igualdade nas diferentes áreas curriculares.

– **Voluntariado para a igualdade** foi uma experiência de educação interpares que envolveu 18 estudantes da Universidade da Beira Interior em ações diretas e regulares com alunos/as e docentes dos ensinos básico e secundário, com o objetivo de criar planos e/ ou medidas para a igualdade nas escolas. Este voluntariado foi e é também uma oportunidade de participação cívica dos/as estudantes da Universidade da Beira Interior, colmatando assim a escassez de oportunidades de envolvimento voluntário em atividades de cariz transformador, pois apenas abundam as propostas de índole mais caritativa ou assistencialista. Concretamente, consistiu na dinamização das atividades desenvolvidas nas escolas apresentadas detalhadamente no Passo a Passo deste Guião.

– **Organização de duas iniciativas de sensibilização** da comunidade que permitiram o alargamento à comunidade da reflexão sobre escolhas profissionais livres de estereótipos de género. Estas iniciativas traduziram-se em dois concursos: um para destacar a participação das mulheres na vida pública e outro para destacar a participação dos homens nas tarefas associadas ao cuidado:

- **Galardão Mulheres Notáveis** em que foram destacadas 65 mulheres da Cova da Beira pelo seu papel em áreas como a cidadania, a educação, a economia, o desporto, a política, ciência e a cultura. A atribuição de galardões por parte de um júri em cada uma das áreas identificadas, permitiu mostrar que apesar de pouco visíveis, há várias mulheres a darem contributos decisivos na política, na ciência, na economia, etc. O envolvimento dos municípios da Cova da Beira na organização da iniciativa foi estratégico para a sua visibilidade e para a sensibilização destas entidades públicas para a importância do seu papel na inversão de uma situação de injustiça social. Por outro lado, contribuiu para atrair a atenção da comunicação social, essencial para trazer a questão para a agenda pública.

- **Concurso Multimédia “Gente Rebelde”** que desafiou alunas e alunos dos ensinos básico e secundário a apresentarem trabalhos audiovisuais que desconstruíssem estereótipos de género nas profissões e nas tarefas ligadas ao cuidado. Apesar de ter decorrido durante a fase em que as aulas decorriam à distância devido à pandemia, envolveram-se 93 crianças e jovens, apoiados/as à distância por 15 professoras e 1 professor. Os trabalhos realizados em grupos, foram, segundo os e as participantes, uma oportunidade de refletir sobre os papéis de rapazes e raparigas, mulheres e homens, na esfera privada e na esfera profissional graças ao desafio lançado pelo projeto e ao acompanhamento das professoras e do professor.

– **“As profissões não têm género”** foi o título encontrado para a campanha contra a segregação sexual das profissões. Cinco vídeos com testemunhos de profissionais que exercem profissões associadas tradicional e maioritariamente ao sexo masculino ou feminino foram realizados com o envolvimento de alunas da UBI, rompendo assim os estereótipos de género ligados às escolhas profissionais. Uma motorista de autocarro, uma barbeira, um educador de infância, um auxiliar de lar e um bailarino clássico falaram das suas experiências, dos obstáculos que tiveram que ultrapassar e da realização profissional conquistada custosamente.

– **CUIDAdania - Cuidado e Cidadania na Construção da Igualdade nas Escolas** é um Guião que pretende ser uma ferramenta pedagógica baseada nas experiências e aprendizagens que o projeto trouxe às pessoas e organizações que nele participaram, com propostas de atividades para estimular criação de uma comunidade educativa promotora da liberdade nas escolhas profissionais e pessoais. Foi construído de forma participada pela equipa do projeto, docentes e estudantes das escolas envolvidas e estudantes da Universidade da Beira Interior, a partir das práticas do projeto, tendo contado ainda com o apoio de especialistas em género e educação e a validação por docentes dos ensinos básico e secundário.

..... 2. O PAPEL DAS ESCOLAS

Neste capítulo começamos por procurar refletir, de uma forma breve, sobre o papel das escolas na promoção da transformação social e da igualdade de género. No espírito da Estratégia Nacional de Educação para a Cidadania, instigamos também todas/os as/os profissionais de educação, leitores/as deste recurso, a fazer uma auto reflexão, quer sobre o seu papel individual, quer como membros do coletivo Escola. Os testemunhos na primeira pessoa de quem acompanhou o projeto mais de perto ilustram bem o potencial de intervenções pedagógicas participativas como as que se apresentam neste Guião.

As sessões foram desenvolvidas com uma turma de 5.º ano: as atividades foram recebidas pelos alunos e alunas com entusiasmo e realizadas com empenho e responsabilidade. Perante os dilemas colocados, os alunos e as alunas (apesar das suas poucas vivências) revelaram já sentido analítico e crítico, detetando desigualdades entre géneros e encarando-as como injustas e desajustadas ao seu ideal de sociedade. Sem grandes dificuldades, propuseram medidas exequíveis a implementar na escola com vista à promoção da igualdade de género, contribuindo, ainda que de forma simples, para a consciencialização da comunidade para esta problemática.

Idalina Neto Rodrigues - professora do ensino básico

A Escola, que não existe dissociada das comunidades educativas que a compõem, é uma instituição fundamental das sociedades democráticas que tem enfrentado grandes desafios. O último grande teste às escolas, e especialmente à classe docente, foi a pandemia que obrigou a uma rapidíssima adaptação e mudança de práticas educativas. Apesar de todas as dificuldades e insuficiências, o sistema educativo demonstrou uma grande capacidade de resiliência e o balanço dos últimos dois anos é positivo, como afirma a Presidente do Conselho Nacional de Educação, Maria Emília Brederode Santos na introdução do relatório dedicado ao Estado da Educação 2020.

“Com todas as suas falhas, dificuldades e inevitáveis insuficiências, o balanço foi positivo: o sistema aguentou-se e conseguiu continuar a prestar um serviço que se evidenciou múltiplo e complexo. A multiplicidade de funções que a escola hoje desempenha e a sua interdependência tornaram-se, de facto, muito mais visíveis”
(CNE, 2021)

De facto, a complexidade e exigência dos desafios que se apresentam à Escola do século XXI não parece ter tendência para diminuir. Citamos dois documentos orientadores das políticas públicas educativas fundamentais - o Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória e a Estratégia Nacional de Educação para a Cidadania. Em ambos se afirma:

“À escola, enquanto ambiente propício à aprendizagem e ao desenvolvimento de competências, onde alunos e alunas adquirem as múltiplas literacias que precisam de mobilizar, exige-se uma reconfiguração, a fim de responder às exigências destes tempos de imprevisibilidade e de mudanças aceleradas.”

Acreditamos que a Escola, especificamente o sistema público de educação, tem um papel cada vez mais central e determinante no desenvolvimento de crianças e jovens, quer na sua função de correção de assimetrias sociais, contribuindo para o acesso a direitos e oportunidades que podem ser determinantes para um futuro melhor, especialmente para crianças e jovens de famílias mais pobres e desfavorecidas; quer relativamente à formação humana e cidadã de seres humanos.

No entanto, importa refletirmos se a Escola será um espaço de reprodução social ou de emancipação? Entendemos que é determinante que as comunidades educativas, cada profissional individualmente mas também os coletivos, as escolas enquanto organizações, num espírito de auto reflexão crítica, se questionem sobre o papel, a função da Escola. Sobre o contributo de cada pessoa para os ecossistemas escolares e destes para as comunidades externas com que interagem, que influenciam e de que interdependem. Estará a Escola a contribuir para perpetuar estereótipos e discriminações ou, pelo contrário, estará a promover a igualdade e o respeito nas relações interpessoais, num contexto de vivência dos valores ligados aos Direitos Humanos?

A este propósito, partilhamos o testemunho de uma das voluntárias do projeto CUIDAdania:

Foi-me dito por alunos e alunas na escola, que o professor de educação física tem combatido a desigualdade de género dentro da turma fazendo equipas mistas, durante as suas aulas. O mesmo não acontece nos intervalos, onde algumas raparigas me disseram que os rapazes não as deixam jogar à bola ou inclui-las nas brincadeiras deles.

Houve até algumas raparigas que me disseram que, infelizmente, nas atividades extracurriculares, ainda existe a separação entre rapazes e raparigas. Algumas raparigas gostavam de entrar numa equipa de futsal mas não lhes é permitido porque não fazem equipas mistas ou então não existem equipas femininas para essa modalidade, ficando assim sujeitas ao ballet ou, em casos raros, ao basquetebol.

Diana Barata – estudante da UBI e voluntária do projeto

Acreditamos que as realidades nas escolas são muito diversas e que espelham também o contexto social do nosso país e de cada comunidade local, em toda a sua heterogeneidade e complexidade. De facto, em termos de igualdade de género e de liberdade de escolha para rapazes e raparigas muito mudou desde a revolução democrática, em 1974. Mas é também verdade que muitas ideias e práticas sexistas perduram teimosamente, com implicações fortes especialmente nas vidas de meninas, raparigas e mulheres.

“Permanecendo a sociedade fortemente estereotipada, a escola, enquanto subsistema social que é, não conseguiu ainda libertar-se das estereotípias de género e continua a reproduzir formas sexistas de pensar, de ser e de estar, tal como outros subsistemas sociais.” (Alvarez&Veiria,2014)

Muitos dos testemunhos recolhidos ao longo do projeto junto das pessoas que o viveram mais de perto reforçam esta noção de que as desigualdades de género ainda subsistem também nas escolas. De notar que também as vozes dos rapazes se fizeram ouvir relativamente

a esta questão, reforçando a ideia de que o género diz respeito tanto a mulheres como homens, e que também estes são negativamente afetados.

A primeira observação que fiz ao realizar o trabalho nas escolas, com turmas do 9º ano, foi que as meninas não conseguiam encontrar facilmente um aspeto positivo de ser mulher, ao passo que os meninos tinham o mesmo problema ao pensar em algo ruim de ser homem; só por esse primeiro facto dá para perceber que os problemas de género afetam os jovens até hoje.

Lívia Glória – estudante da UBI e voluntária do projeto

Durante a minha intervenção na Escola houve algumas respostas de alunos que me impressionaram, e que me levaram a refletir que realmente ainda existem muitos estereótipos na nossa sociedade, e que afetam de forma significativa o bem-estar dos mais jovens. Uma das situações que mais me chamou a atenção refere-se a um rapaz que afirmou que “o pior de ser rapaz é não poder expressar os seus sentimentos”. Ao debater com o grupo de alunos e alunas esta questão, todos os rapazes concordaram que realmente é um facto verídico e presente na vida deles. Tal situação chocou-me mesmo, uma vez que tenho o privilégio de lidar com rapazes que até expressam os seus sentimentos sem qualquer tabu, e não imaginava que esse estereótipo estava ainda tão presente na vida de alguns indivíduos do sexo masculino.

Aline Barreto – estudante da UBI e voluntária do projeto

Obtivemos, com esta turma, respostas muito interessantes às questões relativas ao “pior e melhor de ser rapariga/rapaz”, particularmente nos rapazes: um deles referiu que o pior de ser rapaz é não poder demonstrar sensibilidade e sentimentos; outro indicou que o pior de ser rapaz é ser visto como imaturo e insensível; outro ainda indicava que o pior de ser rapaz é estar mais suscetível a situações de violência e de consumo de drogas. Estas respostas intrigaram-me imensamente, ajudando-me a entender mais claramente que o combate às desigualdades de género e à masculinidade hegemónica e tóxica não é apenas vantajoso para as mulheres, como se possa pensar, sendo igualmente benéfico para os homens, que também sofrem com as consequências destas desigualdades.

Maria Inês Nepomuceno – estudante da UBI e voluntária do projeto

Por tudo isto, e em tempos de múltiplas crises (sanitária, socioeconómica, climática, entre outras) normalmente marcados por retrocessos em matérias de direitos humanos e em questões civilizacionais como a igualdade de género, importa que as Escolas sejam contextos sólidos e consistentes de vivências igualitárias, de respeito e liberdade e de exercício concreto da cidadania democrática e crítica.

Este Guião pretende ser um recurso de apoio efetivo a essa missão que sabemos desafiante e exigente. Com as partilhas que se fazem na segunda parte desta publicação pretendemos inspirar e apoiar projetos e processos vivenciais onde crianças e jovens experimentam na escola, e noutros contextos, a participação, a tomada de decisão, a autonomia e a coresponsabilização pela construção de ambientes educativos mais igualitários. De facto, múltiplos estudos

reforçam que as metodologias participativas são as mais adequadas e eficazes para trabalhar estas temáticas, e as reações recebidas às propostas do CUIDAdania são também prova disso. Deixamos algumas vozes do projeto.

Na minha opinião, as dinâmicas realizadas nas turmas suscitam um elevado interesse nos alunos e nas alunas, uma vez que não se trata de palestras famosamente denominadas de “secantes” pelos alunos e alunas, mas sim de intervenções onde eles e elas participam ativamente, expondo a sua opinião e debatendo diferentes pontos de vista.

Aline Barreto – estudante da UBI e voluntária do projeto

As crianças envolveram-se bastante nas atividades e ficavam tristes quando as sessões acabaram e perguntavam quando voltávamos.

Inês Silva – estudante da UBI e voluntária do projeto

Depois de 45 minutos em que alunos e alunas do 6º ano discutiam em grupo as medidas que deviam ser implementadas na sua escola para combater as desigualdades de género, foi difícil à professora e à equipa do projeto fazer com que os grupos de desmobilizassem. Nem mesmo a informação de que o intervalo estava já a decorrer teve efeito, levando uma menina a afirmar: “As aulas de cidadania deviam ser mais compridas. Isto estava a ser tão fixe!”

Rosa Carreira – técnica do projeto



PARTE II

**PLANO DE
INTERVENÇÃO
PARA A IGUALDADE
DE GÉNERO NAS
ESCOLAS
- ITINERÁRIO E
RECURSOS**

..... 1. PASSO A PASSO

Nota introdutória

A criação de medidas promotoras de escolhas profissionais e pessoais livres de estereótipos de género dentro da Escola pode partir da própria Escola de forma autónoma, ou com o apoio de uma organização não governamental.

A utilização do passo a passo que se segue é apenas um dos caminhos possíveis e que implica, sobretudo, o envolvimento direto de alunas e alunos num processo exploratório e criativo baseado em metodologias participativas.

Ele só será útil se as Escolas ou Agrupamentos assumirem que a igualdade entre rapazes e raparigas é importante para a construção de uma sociedade mais justa e que cabe à Escola um papel fulcral nesta senda.

Objetivo geral

Promover uma educação livre de estereótipos de género associados às escolhas profissionais de rapazes e raparigas. Pretende-se que elas e eles escolham profissões e atividades ligadas ao trabalho pago independentemente do género a que, geralmente, são associadas e, que raparigas e rapazes compreendam a importância do trabalho ligado ao cuidado (pago ou não pago) para a qualidade de vida e o bem-estar de todas as pessoas.

Objetivos específicos

- 1.** Envolver os vários ciclos escolares na conceção de uma estratégia de intervenção para a promoção da igualdade na escola;
- 2.** Sensibilizar a comunidade educativa para as discriminações de género na escola;
- 3.** Contribuir para uma escola mais inclusiva através da criação de medidas concretas para esbater/eliminar as discriminações com base no género.

Destinatários/as

Alunos e alunas dos 2º e 3º ciclos e do ensino secundário.

Cabe a cada Escola ou Agrupamento decidir se pretende envolver todas as turmas ou definir uma por cada ciclo, ou ainda encontrar outros critérios. Num encontro de docentes organizado pelo Cuidadania, foi ainda sugerido que esta metodologia seja usada todos os anos letivos sempre com o mesmo ano de escolaridade, garantindo-se assim que todos os alunos e alunas acabam por participar ao longo do seu percurso na escola.

No Cuidadania, as duas Escolas e o Agrupamento que integraram o projeto, optaram por envolver duas turmas por cada ciclo de escolaridade.

Nota

O passo a passo prevê que algumas sessões decorram nas aulas de cidadania e desenvolvimento. No ensino secundário a metodologia pode ser igualmente usada, mesmo sem a existência desta disciplina já que se pode adaptar ao formato de projeto ou até em colaboração com o Gabinete do PES.

Duração da intervenção

A intervenção terá a duração mínima de três semanas com, pelo menos, a dinamização de sete sessões; seis de 45 minutos e uma de um dia inteiro, dedicada às votações nas medidas e iniciativas sugeridas pelos alunos e alunas.

Utilização dos espaços

Serão necessários vários espaços, organizados de acordo com o tipo de trabalho e atividades a realizar com as alunas e alunos e respetivos professores e professoras. Propomos que nas salas de aulas se altere sempre a disposição das mesas e cadeiras, colocando-as em U quando se quer trabalhar com toda a turma e criando mesas de trabalho de grupo quando queremos trabalhar com grupos mais pequenos. A sala de convívio e alguns espaços exteriores também devem ser considerados.

Materiais

- Folhas coloridas de tamanho A5 com a frase: “o pior de ser rapaz é...”; “o melhor de ser rapaz é...” “o melhor de ser rapariga é...” “o pior de ser rapariga é...”
- Folhas de flipchart
- Marcadores
- Cola stick
- Autocolantes em forma de círculos pequenos

Sessões de trabalho em turma

A intervenção deve ser planeada com a direção da Escola ou Agrupamento e com o/a coordenador/a da área de cidadania, definindo quais as turmas com que se vai trabalhar, qual o cronograma e qual a metodologia de devolução dos resultados à Escola ou Agrupamento e a sua integração no planeamento anual de atividades extra-curriculares.

Feita esta articulação, é tempo de dar início às sessões com as turmas que previamente se definiram como sendo as protagonistas neste processo, não sem antes se apresentar a metodologia e os objetivos às professoras e professores em cujas aulas decorrem as sessões. Se a intervenção for dinamizada por uma organização não governamental, as crianças e jovens devem saber previamente que uma equipa externa à escola vem dinamizar várias sessões sobre cidadania. No entanto, nem sempre é pertinente saberem antecipadamente, pelo menos no início do processo, qual o tema específico pois isso pode condicionar algumas respostas e reações que se querem espontâneas.

... SESSÃO 1

..... Conhecer o grupo

Quebra-gelo: Adoro e detesto ⌚ (25 minutos)

1. Dispor os/as participantes em círculo e em pé.
2. Pedir a cada um/a que se apresente dizendo o seu nome e qualquer coisa que adore e qualquer coisa que deteste (não vale dizer que detesta a mentira, a violência, a guerra, etc.), tem que ser qualquer coisa distintiva e muito pessoal. E para isso devemos recordar que cada pessoa é um ser único e, por isso, muito precioso.
3. No fim de cada participante se apresentar, pergunta-se ao grupo o que mais se destacou nas apresentações, se houve alguma coisa em particular que lhes tenha chamado a atenção. Podemos orientar essa discussão perguntando se os gostos ditos pelas raparigas e pelos rapazes foram diferentes. Se as respostas forem sim (geralmente são) perguntamos porquê. Convém prestarmos atenção e tentarmos reter alguns dos gostos que podem ser mais associados aos rapazes (andar de mota, jogar futebol...) e às raparigas (ir às compras, conversar com as amigas) para termos material para explorar.

Conclusões ✍

Ser rapaz ou rapariga não tem que influenciar os nossos gostos, mas, na verdade, isso ainda acontece e em grande parte, devido à educação que recebemos e à perpetuação de uma sociedade e cultura patriarcais.

Dicas 💡

Geralmente esta dinâmica provoca muito boa disposição. Devemos ser nós a dar início ao ciclo de apresentações e dizermos algo que adoramos e detestamos para darmos exemplos e para darmos tempo aos/às participantes para pensarem. Não pode haver gostos repetidos.

Introdução à temática ⌚ (20 minutos)

1. Dispõe-se a turma em círculo e iniciamos um debate:
 - Acham que a escola é igual para os rapazes e raparigas? Explorar as respostas que são dadas e que, geralmente, apontam para as diferenças (uso dos espaços, forma de tratamento por parte de funcionários/as, docentes...)
 - Acham que a escola pode ser diferente? Em quê?
 - Qual a diferença entre género e sexo?
 - Fazer várias afirmações que os/as participantes devem classificar como sendo associadas ao género ou ao sexo: (ex: as mulheres têm a voz fina e os homens têm a voz grossa (sexo); as mulheres usam vestidos e os homens usam calças género), as meninas preferem brincar com bonecas e os meninos com carrinhos (género); os homens nascem com mais competências de chefia (género); as mulheres amamentam e os homens dão biberão (sexo); as mulheres passam pela menopausa e os homens pela andropausa (sexo); etc.).
2. Em forma de conclusão, apresentar/clarificar, ou mesmo pedir que pesquisem as definições de sexo e género reforçando a ideia de que ser rapariga ou rapaz é uma construção social.

..... SESSÃO 2

..... A identificação das diferenças entre raparigas e rapazes

Quebra-gelo: O melhor e o pior ⌚ (45 minutos)

1. Os/As participantes encontram-se dispostos/as em círculo, de preferência sentados/as.
2. Entregam-se 2 cartões de tamanho A5, (os referentes às raparigas, às raparigas e os referentes aos rapazes, aos rapazes) a cada participante com as frases incompletas:
 - O pior de ser rapariga é...
 - O melhor de ser rapariga é...
 - O pior de ser rapaz é...
 - O melhor de ser rapaz é...
3. Pede-se a cada participante que, de forma clara e concisa, termine cada uma das frases sem comentar com colegas e que deve ter em consideração as várias dimensões da sua vida: na escola, em casa, na rua, na relação entre jovens e na relação com as pessoas adultas, entre outras. À medida que vão completando as frases devem voltar o cartão e aguardar que todos/as acabem.
4. No final, cada participante decide se quer partilhar com o grupo as suas frases ou frase. Os/As que o decidirem fazer lêem o que escreveram e não se pedem comentários aos/às colegas para se evitar constrangimentos a quem expõe o que escreveu. Agradece-se a quem quis partilhar.
5. Recolhem-se os cartões com as frases.

Exploração do jogo ?

- O que foi mais fácil? Pensar no pior ou no melhor?
Normalmente, as respostas apontam para uma maior dificuldade das raparigas em encontrar o melhor e dos rapazes em encontrar o pior, o que deve ser analisado perguntando-se:
 - Porque é que as raparigas têm mais dificuldade em encontrar o melhor e os rapazes o pior?
 - Nas vossas frases, o que era “pior” e “melhor” que estava relacionado com o género? E com o sexo?
 - A escola pode ser um lugar onde as diferenças que prejudiquem rapazes e raparigas possam ser combatidas?
 - De que formas as desigualdades de género prejudicam rapazes e raparigas?

mas

O pior de ser rapariga é... pentear o C
e secar o cabelo

O pior de ser rapariga é... que não nos deixam
um desporto qualquer porque os rapazes não

O pior de ser rapariga é... muitas vezes termos de fazer
tarefas sem ajuda. E sofremos muita violência dos rapa

..... SESSÃO 3

..... A criação de medidas da Escola para a igualdade entre rapazes e raparigas

Numa nova sessão, explica-se à turma que queremos registar as suas propostas para uma Escola mais igualitária e que esses contributos poderão resultar em medidas e iniciativas a serem incorporadas pela sua Escola nos próximos planos anuais de atividades. Para isso passarão por um processo de validação pela comunidade educativa que compõe a sua Escola. Este processo implica a votação das propostas por todos/as os/as alunos/as da Escola ou Agrupamento e a criação de uma comissão que as vai apresentar e negociar com a Direção.

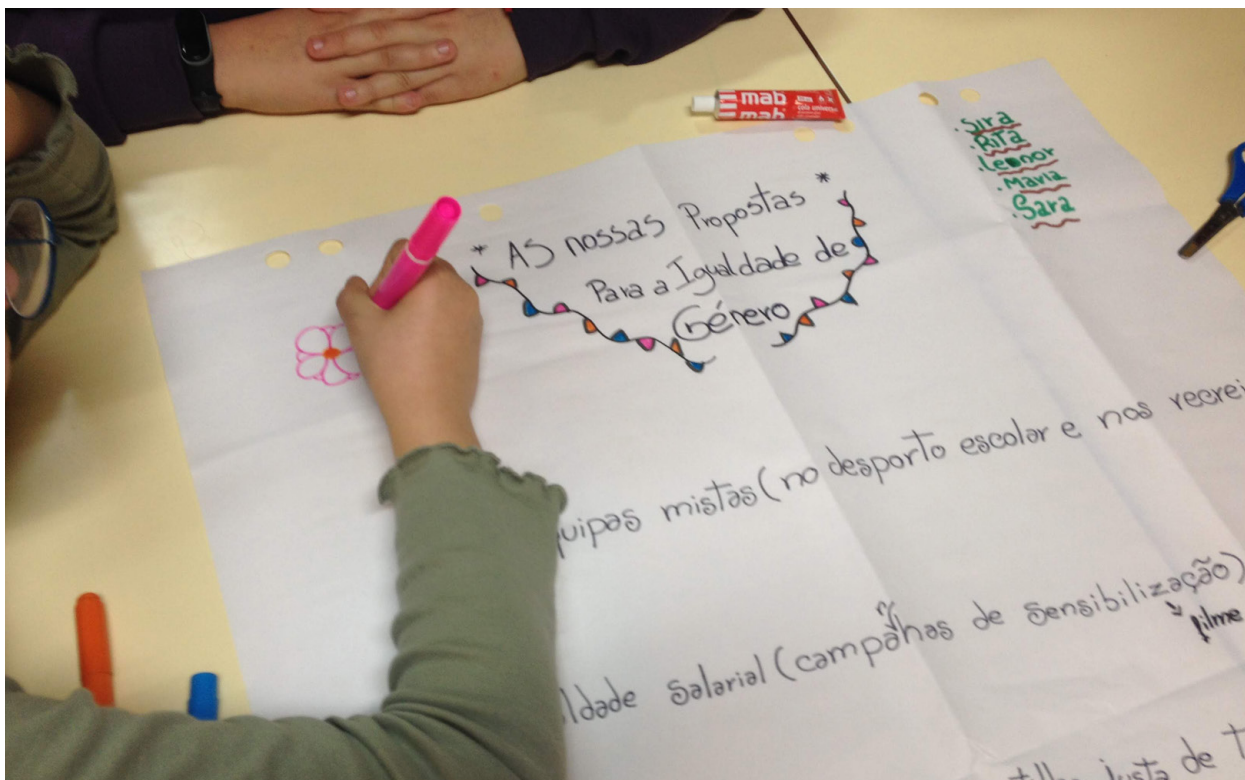
Nota 🗉

Esta explicação pode ser diferente consoante a estratégia adotada pela Escola ou Agrupamento para a incorporação das propostas dos/as alunos/as, mas que passará sempre pelo conhecimento, discussão e avaliação por parte dos órgãos diretivos que, em última instância decidem ou não adotar as medidas propostas.

Transformar problemas em soluções: ⌚ (45 minutos)

- 1.** Divide-se a turma em grupos mistos (rapazes e raparigas) com o máximo de 5 elementos.
- 2.** Cada grupo senta-se numa mesa onde já deve estar uma folha de flipchart, cola, tesoura e marcadores.
- 3.** Enquanto se explica o que vai acontecer misturam-se aleatoriamente os cartões que tinham sido recolhidos na sessão anterior com o melhor e o pior de ser rapaz e rapariga e distribuem-se em igual número pelas mesas. Cada grupo fica com um conjunto de cartões e tem como objetivo analisar as frases neles contidas e pensar em propostas para que o pior deixe de existir (por exemplo: o pior de ser rapaz é ter que fingir que gosto de futebol para não me gozarem; o pior de ser rapariga é ter de fazer tudo em casa e o meu irmão não ajudar). O grupo não deve preocupar-se em descobrir a autoria das frases que vai analisar.





4. O resultado do trabalho de cada grupo deve ser um conjunto de atividades e iniciativas a desenvolver pela Escola e/ou Agrupamento para promover a igualdade de género e em que, preferencialmente, alunos e alunas se possam envolver na sua concretização. Este trabalho é baseado apenas nos cartões que o grupo tiver decidido serem mais pertinentes, podendo descartar assim alguns deles.

Nesta fase é importante recordar que as propostas que vão fazer irão mais tarde ser votadas por outros/as colegas da Escola ou do Agrupamento e que por isso devem refletir muito bem na sua apresentação e deixá-las claras para as outras pessoas.

Explica-se ainda que podem usar a folha de flipchart como preferirem: colar os cartões, fazer esquemas, desenhos, etc. É importante que cada grupo coloque um título na sua folha de flipchart.

5. O/A dinamizador/a vai acompanhando os vários grupos e estimulando a reflexão, criatividade e pertinência das atividades ou contrariando algum desânimo tipo “não se pode mudar isto, não é possível fazer nada ou fazer desaparecer o pior”. Deve também orientar a abordagem que é feita aos cartões, evitando, por exemplo, que sejam descartados alguns com questões pertinentes.

Dicas 💡

1. Os cartões que não tenham muita pertinência ou estejam em branco devem ser descartados antes de se entregarem aos grupos.

2. Incentivar os grupos a evitar comentários sobre erros ortográficos encontrados nos cartões e pedir que se foquem nas ideias que transmitem.

3. As folhas de flipchart devem ser identificadas no seu verso com os nomes dos/as participantes e com a turma e o ano escolar.



..... SESSÃO 4

..... A identificação das medidas prioritárias

Dinâmica: Apresentação dos resultados ⌚ (45 minutos)

- 1.** Pede-se aos grupos que se juntem tal como na sessão anterior nas mesas onde estão já as folhas de flipchart com as suas propostas. Cada grupo tem 5 minutos para recordar o que decidiram na última sessão e definir quem são as duas pessoas que vão apresentar as propostas à turma.
- 2.** Pede-se ao par que foi designado/a porta-voz que se dirija ao topo da sala e que cole a folha de flipchart na parede de modo que fique visível para todas as pessoas.
- 3.** Depois de todos os grupos apresentarem e defenderem as suas propostas, todos os alunos e alunas recebem 3 pequenos autocolantes em forma de círculo que vão colar junto das propostas que consideram mais importantes. Em alternativa, podemos atribuir 3 votos a cada aluno/a que com um marcador os distribui pelas medidas que considera mais urgentes, pertinentes, importantes... Os seus votos podem ser todos colocados na mesma medida ou distribuídos por várias.
Para garantirmos maior objetividade na votação, pode-se promover um debate sobre a importância de pensarmos no bem comum quando se vai votar, até porque as propostas da turma serão depois postas à votação dos/as restantes alunos e alunas da Escola ou Agrupamento. Também para garantir essa objetividade, pode-se decidir que cada aluno/a só pode votar em medidas que não sejam as do seu grupo.
- 4.** Pede-se a todos e todas na sala que se dirijam ao local onde estão as folhas de flipchart com as várias propostas e que vão colando os autocolantes ou assinalando a sua votação com os marcadores nas que escolheram.
- 5.** O/A dinamizador/a faz a contagem dos votos com o apoio da turma e identificam-se as três mais votadas que representarão essa turma na proposta coletiva que se pretende desenhar para a escola. Explica-se que estas medidas/iniciativas irão agregar-se às surgidas nas outras turmas e que, no seu conjunto constituem a proposta dos alunos e alunas para o Plano Anual de Atividades da sua Escola ou Agrupamento.
- 6.** Cada professor/a envolvido/a nesta dinâmica deve fazer chegar ao/à coordenador/a da área da cidadania as propostas da turma que, por sua vez, as compilará (recomenda-se criação de documento online partilhado entre todos/as os/as professores/as e os/as delegados/as de turmas envolvidos/as) evitando as repetições de propostas.

..... SESSÃO 5

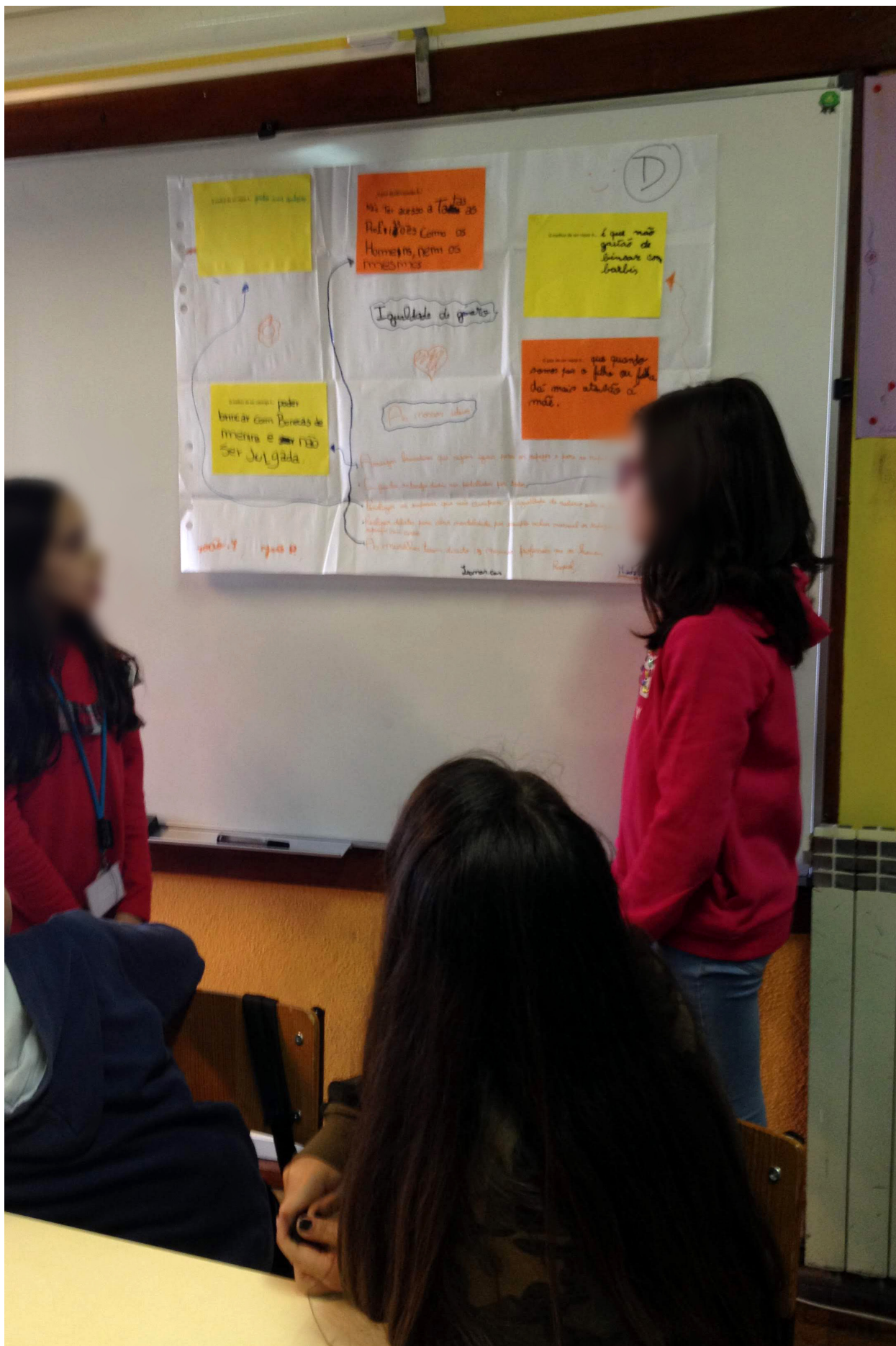
..... Apresentação/validação na escola 🕒 (um dia de aulas inteiro)

Dinâmica: Cidadania em ação

- 1.** Deve ser definido pela Escola ou Agrupamento o dia ou dias para afixar na sala de convívio as propostas e pô-las à votação (o que decorre em vários intervalos das aulas).
- 2.** Esta atividade deve ser participada por todos/as os/as diretores/as de turma que, previamente, devem explicar às turmas o que está a acontecer e como podem proceder à votação nos intervalos das aulas do dia ou dos dias de votação.
- 3.** Tal como no contexto de turma, cada aluno e aluna recebe um marcador ou 3 pequenos autocolantes que coloca nas medidas que acha que devem ser implementadas.
- 4.** Cria-se uma comissão que acompanha permanentemente (definem-se turnos) o período de votação, defendendo e esclarecendo as ideias aí expostas aos/às alunos e alunas que se aproximam para votarem. Esta comissão dispõe de listagens de alunos/as por turma para monitorizar a participação.
- 5.** No final do processo, são identificadas por esta comissão as medidas que recolheram maior votação e elabora-se um documento com as mesmas que será partilhado com a/o coordenador/a da área da cidadania.
- 6.** A proposta final é afixada no dia seguinte na sala de convívio, em folha de flipchart com a informação de que será apresentada à direção da Escola ou Agrupamento para apreciação e acolhimento das propostas que sejam exequíveis.

Dicas 💡

- 1.** Cada Escola ou Agrupamento pode encontrar outras metodologias que considere mais adequadas. Por exemplo: criar um documento online com as várias propostas e fazê-lo chegar aos alunos e alunas que votarão de acordo com regras definidas por cada escola (pedindo-lhes que ordenem as medidas pela sua importância, definindo um máximo de medidas a escolher por cada votante, etc.).
- 2.** Este processo pode ser conduzido pela associação de estudantes ou por uma turma ou turmas que se voluntariem para tal.
- 3.** Pode-se aprofundar ainda mais o processo participativo criando uma campanha através de pequenos vídeos, etc.



..... SESSÃO 6

..... Apresentação à Direção da Escola/Agrupamento 🕒 (45 minutos)

A/O coordenador/a da área de cidadania marca um dia para que representantes do processo de construção da proposta possam reunir com a Direção e apresentá-la. O caminho a seguir pode ser diferente consoante o estabelecimento de ensino, sendo que alguns podem optar por avançar com um plano para a igualdade e outros por incluir as medidas apresentadas no seu Plano Anual de Atividades.

A apresentação das propostas à Direção deve ser um momento de negociação e até advocacy por parte dos alunos e das alunas, defendendo as suas ideias, opiniões e propostas. Por outro lado, é necessário também confirmar a sua exequibilidade pois algumas ideias apresentadas poderão não o ser, inclusivamente por questões legais.

Este grupo de representantes negocia com a Direção os recursos necessários para a implementação do plano e a estratégia para que o mesmo seja disseminado junto de toda a comunidade educativa.

..... SESSÃO 7

..... Avaliação 🕒 (45 minutos)

Dinâmica: As montanhas do nosso contentamento

1. Por turma, desenham-se 3 montanhas em folhas de papel de cenário e pede-se a cada participante que “se coloque” nas 3 montanhas desenhando um símbolo que pode ser uma cruz, um ponto, uma flor... (no topo, na encosta ou na base) consoante se sentiu em relação à atividade (topo significa muito bom, encosta significa mais ou menos e na base, mal. A primeira montanha pergunta: como foi a minha participação? A segunda: como foi a colaboração entre os alunos e alunas da turma? E a terceira: qual o impacto que eu acho que este processo vai ter na escola?

Abre-se a discussão sobre como melhorar o processo participativo.

- Quais foram os aspetos que mais vos agradaram neste processo?
- O que podia ter corrido melhor?
- Que estratégias sugerem para que o processo possa ser melhorado?
- ...

2. RECURSOS E PROPOSTAS DE EXPLORAÇÃO

Introdução

Neste capítulo, apresentam-se alguns recursos educativos com o intuito de apoiar e complementar o trabalho realizado nas e pelas escolas em torno da igualdade de género e da promoção da liberdade nas escolhas pessoais e profissionais. Trata-se de ferramentas que podem ser usadas em sala de aula, nas diferentes disciplinas, especialmente na de Cidadania e Desenvolvimento, mas também acreditamos que serão úteis a atividades de programas como o de “Apoio à Promoção e Educação para a Saúde” e a projetos semelhantes ao CUIDAdania.

Na sua maioria são recursos multimédia, vídeos curtos realizados com diferentes técnicas, apropriados para lançar o debate e promover a reflexão junto de estudantes de diferentes faixas etárias, desde crianças pequenas até jovens adultos/as. Estes vídeos abordam, de forma interessante e apelativa, uma grande variedade de assuntos dentro das grandes temáticas deste Guião – desde os papéis sociais e estereótipos de género, até problemáticas mais relacionadas com o mundo do trabalho e com as questões do cuidado, como a segregação profissional, a desigualdade salarial (pay gap), a dupla jornada e os desafios da conciliação das diferentes dimensões da vida, e outras tantas discriminações baseadas no género que prejudicam e condicionam, acima de tudo, raparigas e mulheres mas também os rapazes e homens. Estes meios multimédia trazem ainda para análise e debate diferentes formas de violência de género, como o assédio sexual.

Antes de apresentar os diferentes vídeos e as propostas de exploração pedagógica, passaremos brevemente pelos **Guiões de Educação Género e Cidadania** da Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género (CIG). Neste capítulo encontrarão também articulações com outros recursos educativos da CooLabora. Terminamos com a Exposição Ecce Homo, um dispositivo artístico analógico que nos interpela sobre a desigualdade na partilha das tarefas domésticas.

Todos os recursos estão acessíveis através de um *click* sobre a imagem que os apresentam.

2.1. Guiões de Educação Género e Cidadania

Os *Guiões de Educação Género e Cidadania* são materiais científico-pedagógicos produzidos e editados pela CIG destinados à integração da igualdade de género nos currículos dos diferentes ciclos de ensino.

Abarcando todos os níveis da escolaridade obrigatória, desde o pré-escolar até ao ensino secundário, estes Guiões são materiais fundamentais para todas e todos as/os profissionais de educação, mas especialmente para as/os docentes integrarem uma abordagem de género nas suas práticas pedagógicas e, desta forma, poderem mais eficazmente contribuir para um ambiente educativo livre de estereótipos de género.

Estes Guiões, que começaram a ser editados em 2010 e foram já por duas vezes reconhecidos internacionalmente como Boas Práticas em Género e Educação, estão organizados por ciclo de ensino, sendo que mantêm uma estrutura interna comum, com uma primeira parte dedicada a enquadramento teórico, onde se responde de forma clara, curta e muito bem fundamentada, a questões basilares das temáticas de Género, Educação e Cidadania, e uma segunda parte dedicada à intervenção pedagógica adaptada a cada ciclo de ensino. De referir ainda que o *Guião Conhecimento, Género e Cidadania no Ensino Secundário*, na sua parte teórica, desenvolve um aspeto adicional relativamente aos restantes Guiões relacionado com o Conhecimento e a sua construção e relação com o Género e a Cidadania.

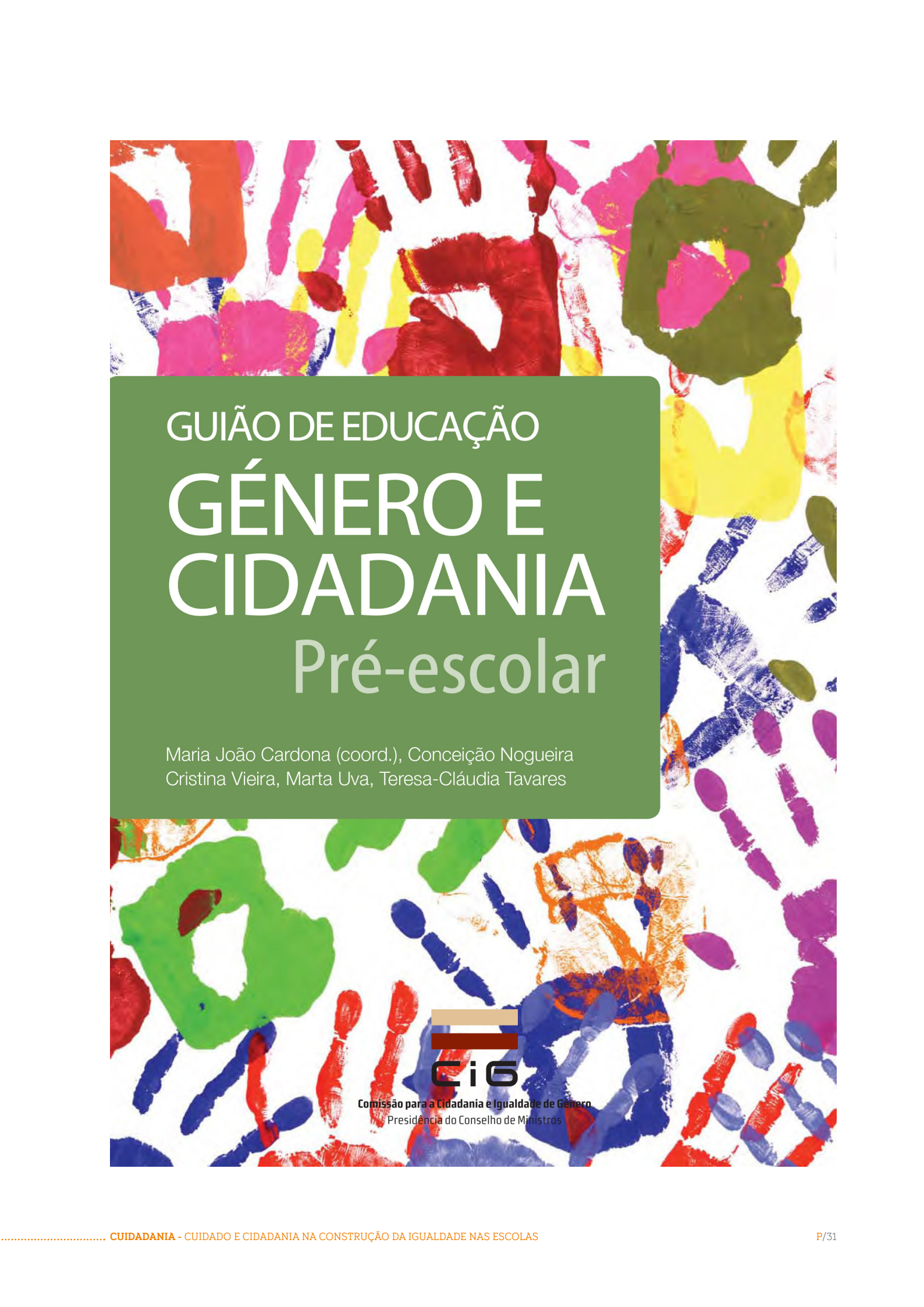
A função destes Guiões tem sido também complementada por Formação de Docentes, tal como a que já aqui apresentámos e que integrou o projeto CUIDAdania, e cuja necessidade é fortemente sublinhada na Nota Prévia do Guião do 3º Ciclo assinada pela CIG e que aqui citamos.

É imprescindível uma aposta efetiva, exigente e continuada na formação de profissionais de educação para que a aplicação destes materiais se concretize, respeitando-se os objetivos para que foram criados, e para que a sua aplicação tenha um impacto real junto das crianças e jovens de ambos os sexos a quem se destinam, não apenas no seu percurso escolar, mas durante toda a sua vida, enquanto pessoas e enquanto elementos de pleno direito em todas as comunidades a que pertencerem. (Pinto et al., 2015)

Todos os Guiões podem ser descarregados do [website da CIG](#), nos links que se apresentam a seguir. A versão impressa pode ser consultada ou requisitada junto das Bibliotecas Escolares ou requerida a sua disponibilização para trabalho docente junto do Centro de Documentação da CIG, utilizando os contactos que apresentamos a seguir.

Centro de Informação e Documentação - Lisboa
Rua Almeida Brandão, N.º 7
1200-602 Lisboa
Tel.:(+351) 217 983 000
E-mail: cid@cig.gov.pt

Centro de Informação e Documentação - Porto
Rua Ferreira Borges, 69, 3º Esq.
4050-253 Porto
Tel: (+ 351) 22 207 43 70
E-mail: cdoc.cignorte@cig.gov.pt

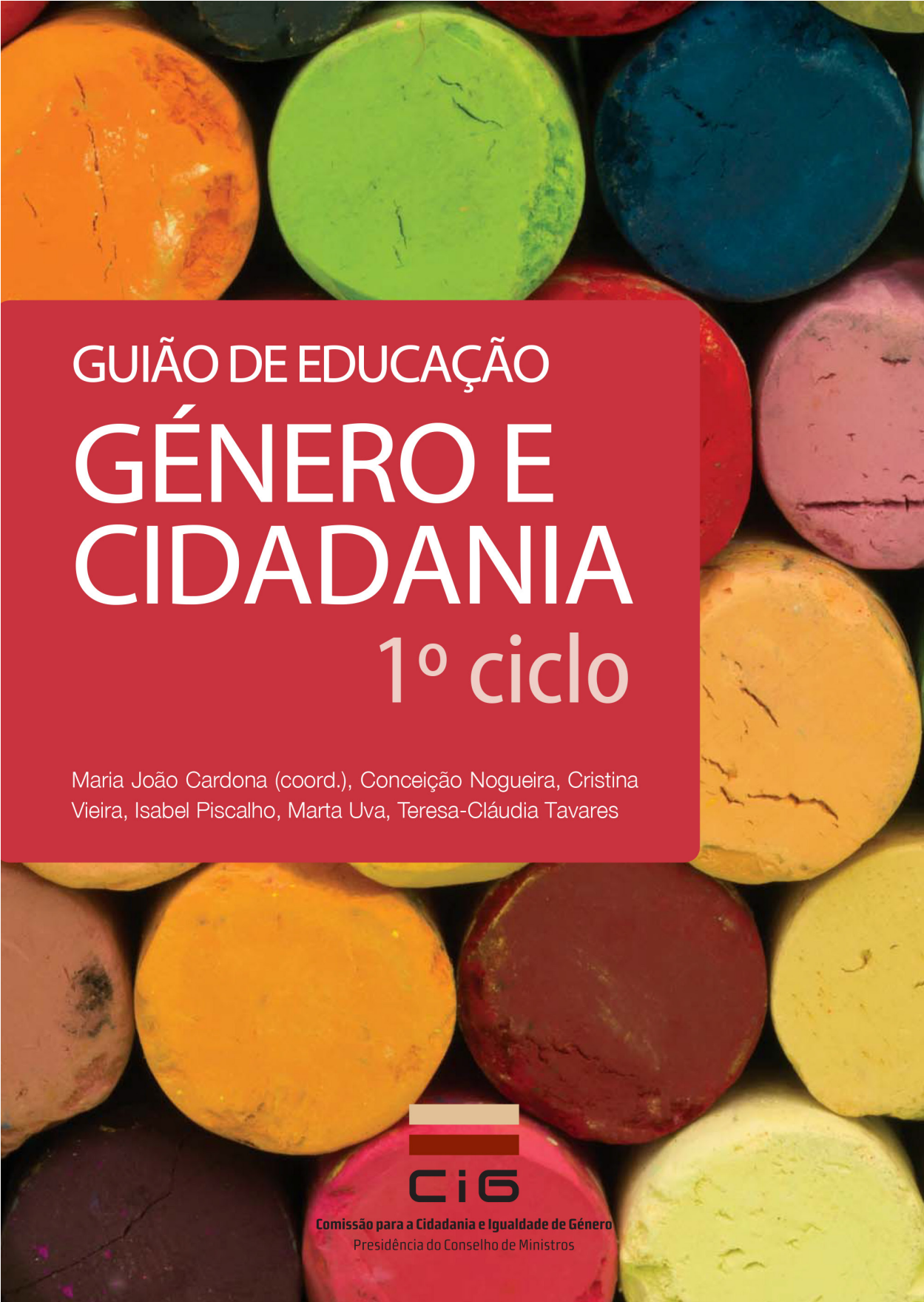


GUIÃO DE EDUCAÇÃO GÉNERO E CIDADANIA Pré-escolar

Maria João Cardona (coord.), Conceição Nogueira
Cristina Vieira, Marta Uva, Teresa-Cláudia Tavares



Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género
Presidência do Conselho de Ministros




GUIÃO DE EDUCAÇÃO GÉNERO E CIDADANIA 1º ciclo

Maria João Cardona (coord.), Conceição Nogueira, Cristina Vieira, Isabel Piscalho, Marta Uva, Teresa-Cláudia Tavares



CiG

Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género
Presidência do Conselho de Ministros

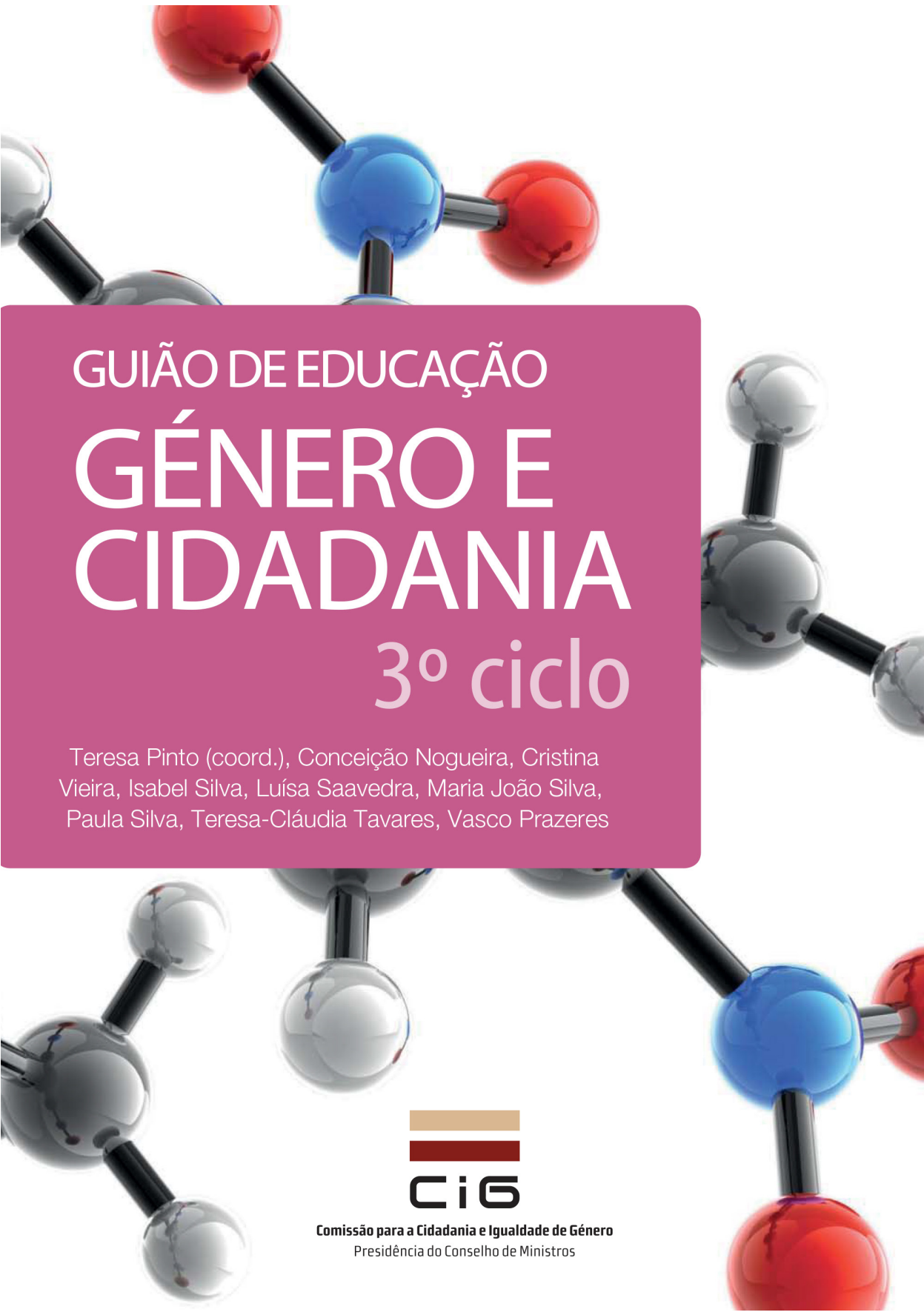


GUIÃO DE EDUCAÇÃO GÉNERO E CIDADANIA 2º ciclo

Clarinda Pomar (coord.), Ângela Balça, Antónia Fialho Conde, Aitana Martos García, Alberto Martos García, Conceição Nogueira, Cristina Vieira, Luísa Saavedra, Paula Silva, Olga Magalhães e Teresa-Cláudia Tavares.



Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género
Presidência do Conselho de Ministros



GUIÃO DE EDUCAÇÃO GÉNERO E CIDADANIA 3º ciclo

Teresa Pinto (coord.), Conceição Nogueira, Cristina Vieira, Isabel Silva, Luísa Saavedra, Maria João Silva, Paula Silva, Teresa-Cláudia Tavares, Vasco Prazeres



Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género
Presidência do Conselho de Ministros

GUIÃO DE EDUCAÇÃO

Conhecimento, Género e Cidadania no Ensino Secundário

Cristina C. Vieira (Coord.), Conceição Nogueira,
Fernanda Henriques, Fernando M. Marques, Filipa Lowndes
Vicente, Filomena Teixeira, Lina Coelho, Madalena Duarte,
Maria Helena Dias Loureiro, Paula Silva, Rosa Monteiro,
Teresa-Cláudia Tavares, Teresa Pinto, Teresa Toldy, Virgínia Ferreira



Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género
Presidência do Conselho de Ministros



ANOS | CIG
ATE A IGUALDADE

Sugestões de Exploração Pedagógica

Deixamos algumas sugestões para explorar de modo participado, reflexivo e eficaz os vídeos e demais recursos que apresentamos ao longo deste capítulo.

Antes de exibir um vídeo sobre um determinado tema pode realizar-se, à laia de introdução, uma breve auscultação da turma ou do grupo sobre o tema que será abordado. Deve estimular-se a participação, procurando levantar todas as ideias que as/os estudantes tenham sobre o tema. Não há ideias certas ou erradas, importa que as/os jovens se sintam à vontade para exprimir as suas ideias e opiniões. Esta técnica assemelha-se ao que na educação não formal chamamos de **chuva de ideias**.

A pessoa que facilita a sessão deve então informar que irá passar um filme curto e pedir a máxima atenção, uma vez que posteriormente haverá uma conversa com o grupo sobre o mesmo.

Depois de o filme ser apresentado, importa refletir sobre o que se viu, esta etapa também é chamada de *debriefing* e é de extrema importância. Pode vir a ser necessário repetir e explorar diferentes momentos do vídeo, fazendo pausas e questionando sobre conteúdos específicos mais ilustrativos do tema em causa.

Deixamos algumas perguntas genéricas possíveis para exploração e reflexão a partir dos vídeos:

- Gostaram do que viram? Porquê?
- Que comentários vos suscita este filme?
- O que retrata? Qual é o tema? Como se desenrolou? (é importante que a conversa vá relembrando e recuperando diferentes momentos do vídeo)
- Onde se passa? Quem são as personagens?
- Como acham que se sentem as/os intervenientes no filme?
- Qual é a mensagem ou mensagens que o vídeo quer transmitir?
- Acham que as situações retratadas são reais? Conhecem situações semelhantes? Se sim, podem descrever algumas?
- Quais consideram ser as causas das situações retratadas?
- O que podemos fazer para mudar estas situações?

O/A professor/a ou quem estiver a facilitar deve, no final, sistematizar as principais ideias e conclusões. É também importante estimular que se dê seguimento ao trabalho sobre o tema, procurando animar a turma ou o grupo a realizar algumas ações na escola ou fora sobre os temas mais marcantes ou urgentes.

2.2. Recursos disponíveis online para usar em contexto de sala de aula ou de educação não formal

TEMA: ESTEREÓTIPOS DE GÉNERO



O Muro, 2015, (2m54s), português
Estereótipos de Género

Sinopse

Filme de animação que questiona os papéis e estereótipos de género, realizado por duas turmas da Escola Secundária Dra. Felismina Alcântara, Mangualde, em 2015, no âmbito do Projeto “Cinema para as Escolas” do Cine Clube de Viseu.

Sugestão de exploração

Com locução das/os próprias/os jovens, é um material que comunica bem com esta faixa etária e constitui um bom ponto de partida para debater a existência e/ou persistência de estereótipos de género e como estes podem ser limitadores das vidas e das escolhas, presentes e futuras, de raparigas e rapazes.

Depois do debate, pode convidar-se o grupo envolvido a imaginar, desenhar ou até construir um novo vídeo de animação onde raparigas e rapazes não sejam limitadas/os por estereótipos de qualquer espécie - “Como seria uma escola, uma terra sem muros entre raparigas e rapazes? Como podemos contribuir para isso?”.



#LikeAGirl, 2014, (3m18s), inglês (legendas em português)

Estereótipos em torno da atividade física das raparigas

Sinopse

Vídeo da campanha da empresa Always, realizado por Lauren Greenfield, com o intuito de ressignificar a expressão “como uma menina!”. Esta frase de sentido pejorativo, associada muitas vezes a fraqueza, é ainda dita e repetida sem que se pense no impacto que pode ter em meninas, mas também em meninos que são associados ao feminino como algo negativo. E, de facto, pode ter um impacto nocivo significativo e duradouro.

Sugestão de exploração

Este pequeno vídeo pode ser usado para levar o grupo a refletir em conjunto sobre ideias como a fraqueza física, frequentemente associada ao sexo feminino, sobre o peso e o poder das palavras, sobre o impacto de certas expressões na autoconfiança e autoestima, especialmente em estágios determinantes do desenvolvimento de crianças e jovens. Num exercício de espírito crítico sobre o próprio vídeo, pode até concluir-se que nem todas as pessoas têm de ser fortes, rápidas ou ágeis e que isso não pode ser motivo de desrespeito ou gozo. Todas as pessoas têm o direito de ser respeitadas e valorizadas, nomeadamente pelas suas características únicas e pela diversidade de talentos e devem ter a oportunidade e o espaço para os descobrir e expressar, devendo a escola ser o meio propício a isso.

O trabalho começado com este vídeo pode ser complementado e aprofundado com recurso às atividades disponíveis no Capítulo 2 do [Guião de Educação Género e Cidadania](#), sobre Corpo e Desporto.

TEMA: SEGREGAÇÃO PROFISSIONAL



Campanha pela dessegregação sexual do trabalho: As profissões não têm género

Links para os 5 vídeos

[Mulher motorista de autocarros](#), 2021,(4m33s)

[Bailarino profissional](#), 2021, (4m02s)

[Educador de infância](#), 2021, (3m39s)

[Barbeira](#), 2120, (2m59s)

[Homem Ajudante de Lar](#), 2021, (3m)

Sinopse

Cinco vídeos curtos, mas com uma mensagem clara e forte: os estereótipos de género em casa e no mercado de trabalho continuam a estruturar os tipos de trabalho que elas e eles realizam, as condições em que o fazem e as respectivas remunerações e o reconhecimento social. Mas há pessoas que os rompem e abrem caminhos a uma sociedade mais igualitária.

Os vídeos são depoimentos de 3 homens e 2 mulheres que desempenham profissões tradicionalmente associadas a pessoas do sexo oposto: um bailarino, um educador de infância, um ajudante de lar, uma motorista de pesados de passageiros e uma barbeira, mostram que é possível e que é desejável que as profissões não sejam vedadas a homens ou mulheres e que a realização profissional não tem que ser condicionada por se ter nascido menino ou menina.

Sugestão de exploração

Começar por pedir às crianças que desenhem: uma pessoa que conduz autocarros; alguém cuja profissão é dançar; alguém que educa crianças no Jardim de Infância; alguém que trabalha num Lar, no cuidado de pessoas idosas; alguém que trata de barbas e cabelos. Depois de elaborados e apresentados os desenhos e esclarecendo qual o sexo da pessoa que cada criança ou jovem desenhou, estabelecer um diálogo e confrontar o grupo com os vídeos da campanha e que podem aceder clicando na imagem que apresentamos a seguir.



Vídeo original em inglês



#RedrawTheBalance, 2016, 2m07s, inglês

(vídeo legendado em português disponível)

Estereótipos de Género nas Profissões/Segregação Horizontal

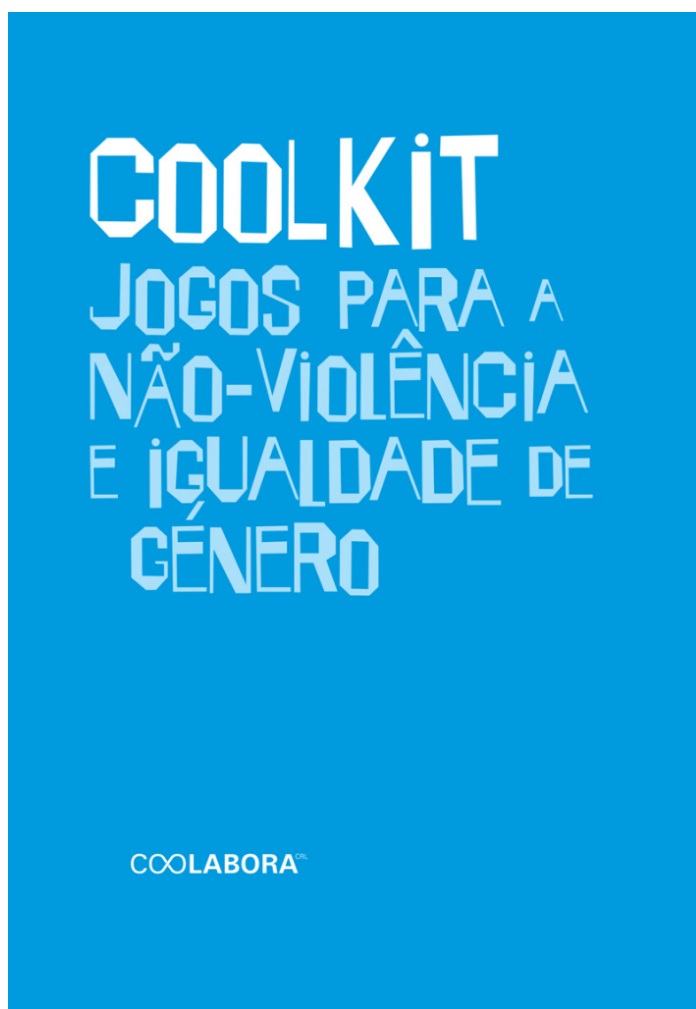
Sinopse

Vídeo produzido por uma Organização Não Governamental inglesa que retrata uma experiência feita com crianças de idades compreendidas entre os 5 e os 7 anos. 66 crianças foram convidadas a desenhar 3 profissionais diferentes, sem referir o sexo: um/a bombeiro/a, um/a cirurgiã/ão e um/a piloto de caça. 61 crianças desenharam homens e apenas 5 desenharam mulheres. As crianças são depois apresentadas às pessoas reais - à cirurgiã Tamzin Cuming, à Bombeira Lucy Masoud e à Tenente Lauren, piloto da Força Aérea Real.

Sugestão de exploração

Desenvolver a mesma dinâmica com a turma ou grupo com que estivermos a trabalhar, ou seja, desafiar as crianças a desenhar uma pessoa que exerça determinada profissão e analisar os resultados com a turma, debatendo o viés de género que normalmente se verifica. Havendo possibilidade, a atividade ganha se se articular com pessoas reais da comunidade que exerçam funções normalmente associadas ao sexo oposto, que podem até ser convidadas para dar o seu testemunho perante as turmas/grupos.

- Sugerimos a possibilidade de articulação com o Jogo *Igualitinary* que podem encontrar noutra publicação da CoolLabora, o “CoolKit - Jogos para a Não Violência e Igualdade de Género” e que podem aceder clicando na imagem abaixo.





Princess Machine, 2013, (2m05s), inglês (legendado em português)
Brinquedos e Estereótipos de Gênero/Segregação Profissional

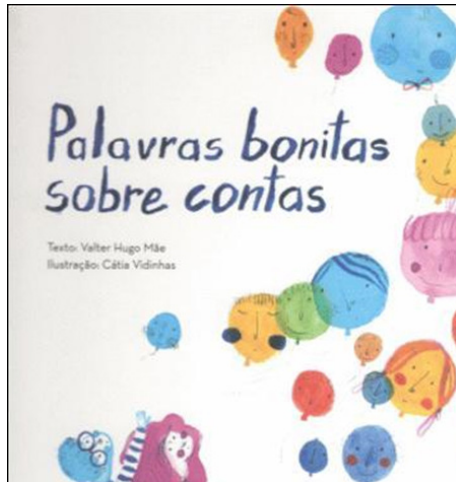
Sinopse

Este pequeno vídeo é um anúncio de uma marca de brinquedos que pretende quebrar os estereótipos de gênero presentes nos brinquedos, reivindicando e anunciando brinquedos mais interessantes e desafiantes para raparigas, desenvolvendo assim o gosto pelas áreas das ciências, matemáticas, tecnologias e engenharias. O vídeo apresenta três crianças a construir um sistema tipo dominó, causando uma reação em cadeia como as conhecidas máquinas de Rube Goldberg.

Sugestão de exploração

Este vídeo é um bom pretexto para debater questões como se há brinquedos e brincadeiras diferenciadas para raparigas e rapazes; se as cores dos brinquedos determinam quem pode brincar com eles; se aquilo com que se brinca na infância e juventude pode influenciar gostos e aptidões futuras, nomeadamente nas áreas de estudo e trabalho; se as matemáticas e engenharias são para rapazes e as letras e humanidades para raparigas, entre tantas outras questões relacionadas com a segregação profissional.

Este vídeo pode ser complementado e articulado com outros recursos, seja para trabalho com crianças do 1º e 2º CEB ou com adolescentes e jovens mais velhas/os. Deixamos duas sugestões.



- Leitura do livro infantil “Palavras Bonitas sobre Contos” de Váler Hugo Mãe e ilustração de Cátia Vidinhas cuja sinopse diz “Ela quer salvar o mundo através das contos, eu quero salvar o mundo com as palavras. A nossa maior diferença, como se pode reparar, não vem de ela ser menina e de eu ser menino, vem das ideias.”



- Conhecer e envolver-se no Projeto Engenheiras Por Um Dia que promove nas escolas a opção pelas engenharias e pelas tecnologias, desconstruindo a ideia de que estas são domínios masculinos.

Este projeto da iniciativa da Secretária de Estado para a Cidadania e a Igualdade, Rosa Monteiro, é coordenado pela Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género (CIG), em articulação com a Carta Portuguesa para a Diversidade (APPDI), o Instituto Superior Técnico e a Ordem dos Engenheiros e envolve uma rede de 70 entidades parceiras (9 das quais municípios), 41 escolas básicas e secundárias e 15 instituições de ensino superior. Desde 2017, várias ações são desenvolvidas por todo o país no âmbito deste projeto: Desafios de Engenharia, Visitas de Estudo a empresas e universidades, ações de Mentoria, Ciclos de workshops sobre engenharia e tecnologia, Celebração do Dia Internacional das Raparigas nas TIC, entre outras.

Podem começar por ver o vídeo deste projeto e conversar sobre o mesmo.



TEMA: DESIGUALDADE SALARIAL (*gender pay gap*)

A seguir apresentamos alguns vídeos que abordam a questão da desigualdade salarial que persiste gravemente por todo o mundo e em diversas áreas profissionais.



Gender Equality, s/d, (1m05s).

Sinopse

Vídeo de animação produzido pela Comissão Europeia e adequado para explorar pedagogicamente com crianças desde idades muito pequenas. Dois artistas de circo, um homem e uma mulher que no final da atuação recebem uma gratificação desigual.

Sugestão de exploração

Analisar a forma como se resolve a situação. Será que na vida real é assim tão simples?



“What do these kids understand that your boss doesn’t?”,
2018, (2m36s), sueco, legendado em inglês.

Sinopse

Vídeo do Sindicato do Setor Financeiro da Suécia que retrata uma experiência feita com crianças sobre desigualdade salarial, colocando-as perante uma situação de injustiça na recompensa que recebem consoante sejam rapazes ou raparigas, para uma tarefa igual.

Sugestão de exploração

Esta experiência pode ser replicada nas escolas desenvolvendo atividades experienciais semelhantes, fazendo depois a ligação com a vida real, recorrendo a estatísticas atualizadas como as que se encontram, por exemplo, neste link <https://www.cig.gov.pt/area-igualdade-em-numeros/indicadores-chave/>.



Close the gender pay gap, s/d, (1m).

Sinopse

Vídeo satírico da Comissão Europeia que reflete a desigualdade salarial na caixa de supermercado. Muito curto, aparentemente inusitado, mas que leva a pensar sobre as implicações reais da desigualdade salarial.

Sugestão de exploração

No seguimento deste vídeo, pode apresentar-se e assinalar o Dia Nacional da Igualdade Salarial que tem o objetivo de alertar para as disparidades salariais entre mulheres e homens. A cada ano, esta efeméride é marcada para o dia a partir do qual, virtualmente, as mulheres deixam de ser remuneradas pelo seu trabalho, enquanto os homens continuam a receber o seu salário. Sugerimos a consulta da [Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego](#) para informações atualizadas.



A short story about the gender pay gap, 2012, (3m25s), inglês.

Sinopse

Vídeo produzido pela Direção-Geral da Justiça e Consumidores da Comissão Europeia que retrata a desigualdade ao longo da vida, com foco especial na área do trabalho. Desde os brinquedos e aspirações na infância até às consequências na reforma, este pequeno vídeo apresenta dados e factos que revelam a desigualdade que ainda prejudica de forma especialmente gravosa as mulheres.

Sugestão de exploração

Sendo um vídeo em inglês, pode ser usado na disciplina de inglês para reforçar os conhecimentos linguísticos dos alunos e das alunas, mas também para discutir e identificar os fatores que estão na origem das desigualdades que se vão criando entre homens e mulheres ao nível da sua vida profissional. Sugere-se mesmo que se peça aos alunos e alunas a identificação de como a escola pode contribuir para essa construção da desigualdade e sugestões para o papel da escola na construção da igualdade.

2.3. Outros recursos da Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género (CIG)

São imensos os recursos disponibilizados pela CIG, quer no seu site online, quer fisicamente no seu [Centro de Documentação](#) que oferece um serviço de atendimento personalizado, à distância ou presencial, que é extremamente útil para todas as pessoas interessadas nestas temáticas.



Campanha “Minuto de Igualdade”, 2018, CIG e EEA Grants (1m) x 4 vídeos

Sinopse

A campanha “Minuto de Igualdade” consiste em 4 vídeos de 1 minuto cada sobre desigualdades vividas na esfera quer do trabalho profissional como doméstico: desigualdade salarial, assédio sexual, partilha das tarefas domésticas e parentalidade partilhada.

Sugestão de exploração

Apresentar dados estatísticos de 2017 que podem ser atualizados desafiando a turma à pesquisa, eventualmente em trabalhos de grupo sobre cada um dos temas dos vídeos.

2.4. Construção da Igualdade de Género

Nesta secção apresentamos alguns vídeos que acreditamos podem ser bons instigadores para que as e os jovens assumam a tarefa da construção da igualdade de género nas suas comunidades, tornando-se ativistas.



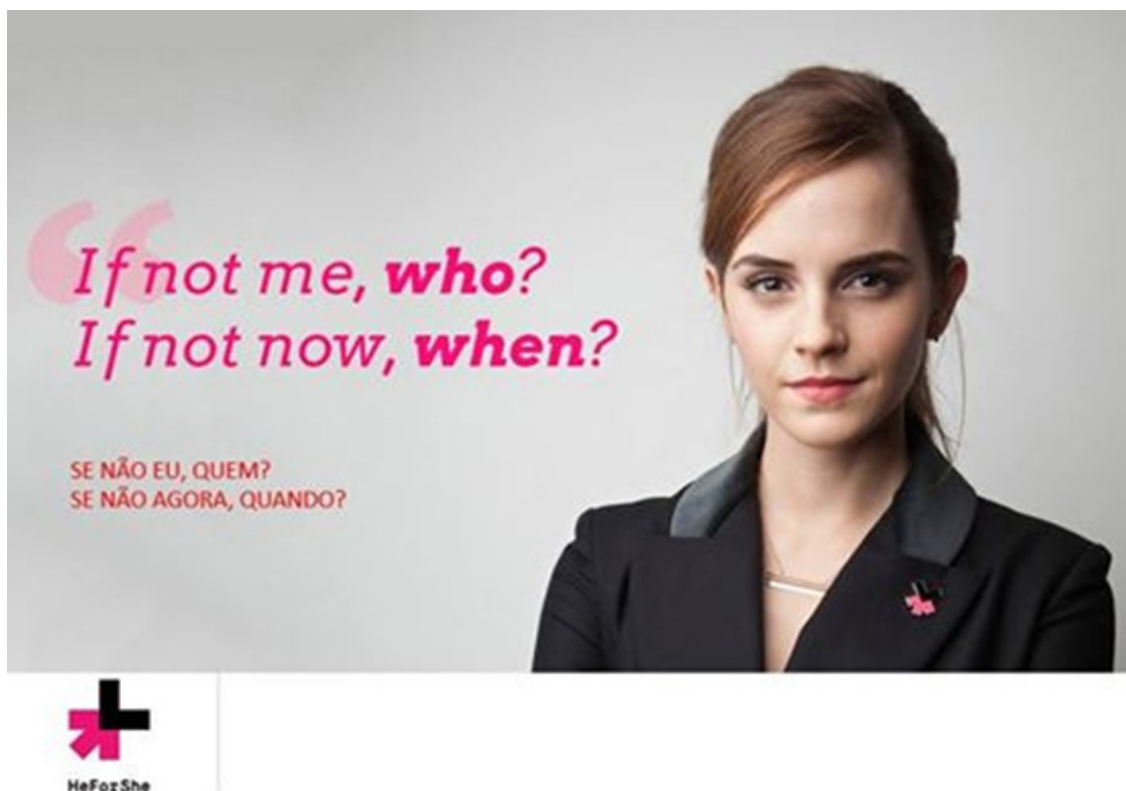
Empoderamento das Mulheres, s/d, (2m37), português.

Sinopse

Vídeo da ONU Mulheres do Brasil sobre a liberdade de escolha e a falta dela, especialmente das meninas e mulheres, apresentando depois o conceito de empoderamento.

Sugestão de exploração

Criar um debate sobre se as mulheres em Portugal são empoderadas ou não.



Discurso de Emma Watson na ONU, 2014,(11m47s),
inglês (legendas em português)

Sinopse

Neste icónico discurso, a atriz e embaixadora da Boa Vontade da ONU Mulheres, Emma Watson, convoca homens e meninos a participar da campanha #HeForShe. Na sua comunicação esclarece o conceito de feminismo, clarifica que a desigualdade de género prejudica também os rapazes e homens e que a igualdade é necessária e positiva para todas as pessoas.

Sugestão de exploração

Por se tratar de uma jovem e conhecida atriz, acreditamos que este vídeo pode ser um bom instrumento de comunicação com as e os jovens das escolas portuguesas. Desafie as turmas a ligarem-se à campanha e a criar um grupo local. Todo o apoio necessário e recursos são fáceis de encontrar, em português, no site oficial da campanha.





Exposição de fotografia Ecce Homo

Sinopse

Exposição de fotografia Ecce Homo sobre a participação dos homens na esfera privada. Esta é resultado do concurso de fotografia com o mesmo nome, promovido em 2018 em articulação com a Unidade de Investigação LabCom.IFP da UBI.

As fotografias que constituem esta exposição são um estímulo à reflexão sobre a desigual participação dos homens na vida quotidiana, tendo em vista inspirar masculinidades mais autónomas e mais de acordo com as justas exigências de partilha de tarefas entre homens e mulheres.

Sugestão de exploração

Apresentar esta exposição nos espaços escolares convidará toda a sua comunidade à reflexão sobre estas temáticas, sendo um recurso de educação informal e artística.

Este recurso pode também inspirar a realização de atividades semelhantes nas escolas, usando a fotografia ou outra expressão artística e podendo debruçar-se sobre outros temas relacionados com a Igualdade de Género ou sobre outros espaços onde esta ainda se revela como uma meta a almejar. Implicar ativamente os e as próprios/as estudantes nestes projetos, dando-lhes responsabilidades, autonomia e liberdade de escolha é, no nosso ponto de vista, uma condição de sucesso no sentido de atingir os objetivos de transformação real. A exposição pode ser vista no link apresentado acima.

3. GLOSSÁRIO

Este breve Glossário tem por objetivo esclarecer termos e conceitos importantes para trabalhar as questões da Igualdade de Género com crianças e jovens, seja nas escolas ou noutros contextos.

Trata-se de definições relativamente curtas e que procuram ser simples e elucidativas, portanto a sua leitura e consulta não dispensa um maior aprofundamento, nomeadamente através do estudo dos Guiões de Educação Género e Cidadania e de tantas outras publicações e materiais disponíveis no Centro de Informação e Documentação da CIG (<http://cid.cig.gov.pt/Nyron/Library/Catalog/winlib.aspx>).

A principal fonte do que aqui apresentamos é o Glossário online que está disponível no website da CIG (<https://www.cig.gov.pt/area-igualdade-entre-mulheres-e-homens/glossario/>) mas também duas publicações do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra.

ASSÉDIO: Todo o comportamento indesejado, nomeadamente o baseado em fator de discriminação, praticado aquando do acesso ao emprego ou no próprio emprego, trabalho ou formação profissional, com o objetivo ou o efeito de perturbar ou constranger a pessoa, afetar a sua dignidade, ou de lhe criar um ambiente intimidativo, hostil, degradante, humilhante ou desestabilizador.

Fonte: Definição constante do sítio web da Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego, em linha, disponível em <http://www.cite.gov.pt/pt/acite/dirdevtrab005.html>

ASSÉDIO SEXUAL: Todo o comportamento indesejado de carácter sexual, sob forma verbal, não-verbal ou física, com o objetivo ou o efeito de perturbar ou constranger a pessoa, afetar a sua dignidade, ou de lhe criar um ambiente intimidativo, hostil, degradante, humilhante ou desestabilizador.

Fonte: Definição constante do sítio web da Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego, em linha, disponível em <http://www.cite.gov.pt/pt/acite/dirdevtrab005.html>

CONCILIAÇÃO DA VIDA PROFISSIONAL, FAMILIAR E PESSOAL: Adoção de sistemas de licença parental e de assistência à família e de estruturas de cuidados a crianças e pessoas idosas, paralelamente ao desenvolvimento de um ambiente laboral e organizacional propício à conciliação da atividade profissional, família e vida privada para homens e mulheres.

Fonte: EIGE – Gender equality glossary and thesaurus.

Disponível em: <http://eige.europa.eu/rdc/thesaurus>

CUIDAR/CUIDADO: Cuidar é pensar-agir descentrando-se de si; é prestar atenção; é solicitude; é desvelo; é preocupação e inquietação pelo bem-estar de outrem; é afeição vital pelos bens comuns; é sentir com e é querer sentir com; é uma forma profunda de partilhar a responsabilidade pela vida em todas as suas formas. O cuidado é, pois, o corazonar que

permite que a vida não apenas emerja e se mantenha, mas que possa ser vivida em toda a sua abundância.

Fonte: Cunha, Teresa; Valle, Luísa de Pinho; Villar-Toribio, Cristina del (2019), "Cuidado", Dicionário Alice. Consultado a 28.02.22, em https://alice.ces.uc.pt/dictionary/?id=23838&pag=23918&id_lingua=1&entry=25288.%20ISBN:%20978-989-8847-08-9

DIFERENÇA SALARIAL ENTRE MULHERES E HOMENS (GENDER PAY GAP): Diferença entre as remunerações médias das mulheres e as dos homens.

Fonte: A igualdade em 100 palavras: glossário de termos sobre igualdade entre homens e mulheres. DG Emprego e Assuntos Sociais.

ESTEREÓTIPOS DE GÉNERO: São modelos sociais preconcebidos sobre uma série concreta e limitada de atributos, características e papéis que são ou deveriam ser possuídos ou desempenhados por mulheres e homens, em função do seu sexo. Os estereótipos de género são prejudiciais pois constituem um obstáculo à igualdade e sustentam a discriminação em função do sexo. Limitam a possibilidade de mulheres e homens de desenvolver as suas capacidades naturais, as suas preferências e as suas experiências, educativas e profissionais, de fazer escolhas e de usufruir das oportunidades que a vida lhe ofereça.

Fonte: Gabinete do Alto comissariado para os Direitos Humanos das Nações Unidas Disponível em <https://www.ohchr.org/en/issues/women/wrgs/pages/genderstereotypes.aspx>

FEMINISMO(S): Movimento(s) que visa(m) a igualdade social, política, económica e cultural, entre mulheres e homens, pugnando pelos direitos das mulheres. Pode ser entendido como um fenómeno global que integra diversos fatores de acordo com a especificidade da situação das mulheres no mundo, das particularidades da cada cultura e de cada sociedade. Todavia, apesar dos feminismos se poderem configurar de forma específica, em diferentes sociedades e culturas, todos os seus movimentos são orientados pelo mesmo fundamento filosófico e objetivo político da conquista da igualdade entre mulheres e homens em todas as esferas da vida.

Fonte: Glossary of Gender – related Terms, compilado por Josie Christodoulou (2005) e revisto por Anna Zodnina (2009), Mediterranean Institute of Gender Studies, em linha, disponível em http://www.medinstgenderstudies.org/wp-content/uploads/Gender-Glossary-updated_final.pdf

GÉNERO: Refere-se aos papéis e responsabilidades das mulheres e dos homens, os quais são construídos nas nossas famílias, sociedades e culturas. O conceito de género inclui também as expectativas sobre as características, aptidões e comportamentos expectáveis de mulheres e homens (feminidade e masculinidade). Os papéis e expectativas de género são adquiridas. Eles podem mudar ao longo dos tempos e variam dentro e entre culturas. Os sistemas de diferenciação social, tais como o estatuto político, classe, etnia, deficiência física ou mental, idade e outros, modificam os papeis de género. O conceito de género é vital porque, quando aplicado à análise social, revela como a subordinação das mulheres (ou a dominação dos homens) é socialmente construída. Assim, esta subordinação pode ser alterada ou terminada porque não é biologicamente determinada nem fixada para sempre.

Fonte: UNESCO – “Gender Mainstreaming Implementation Framework”.

IGUALDADE DE OPORTUNIDADES ENTRE MULHERES E HOMENS: Ausência de barreiras em razão do sexo à participação económica, política e social.

Fonte: *A igualdade em 100 palavras: glossário de termos sobre igualdade entre homens e mulheres*. DG Emprego e Assuntos Sociais.

IGUALDADE ENTRE MULHERES E HOMENS: Princípio dos direitos iguais e do tratamento igual de mulheres e de homens. Noção que significa, por um lado, que todo o ser humano é livre de desenvolver as suas aptidões e de proceder às suas escolhas, independentemente das restrições impostas pelos papéis tradicionalmente atribuídos às mulheres e aos homens e, por outro lado, que os diversos comportamentos, aspirações e necessidades de mulheres e de homens são consideradas, valorizadas e promovidas em pé de igualdade. (É neste sentido que é utilizada a expressão Igualdade de Género).

Fonte: *A igualdade em 100 palavras: glossário de termos sobre igualdade entre homens e mulheres*. DG Emprego e Assuntos Sociais.

MACHISMO: É o comportamento, expresso por opiniões e atitudes, de uma pessoa que recusa a igualdade de direitos e deveres entre os géneros, favorecendo e enaltecendo o masculino sobre o feminino. Ou seja, é a ideia errónea de que os homens são “superiores” às mulheres.

Fonte: *EQUIX - Manual de Promoção de Igualdade de Género e de Masculinidades Não Violentas* Editor: Centro de Estudos Sociais.

Disponível em <https://www.cig.gov.pt/wp-content/uploads/2020/01/Manual-EQUIX.pdf>

MASCULINIDADES CUIDADORAS: Refere-se a modelos igualitários associados a diferentes formas de identidade masculina, baseados na participação dos homens nas tarefas de cuidado, como a partilha de tarefas domésticas, a paternidade corresponsável e o cuidado de outros (familiares e amigos), mas também no autocuidado, através da redução de atividades de risco, e na rejeição do uso da violência (Comissão Europeia, 2013).

Fonte: *EQUIX - Manual de Promoção de Igualdade de Género e de Masculinidades Não Violentas* Editor: Centro de Estudos Sociais.

Disponível em <https://www.cig.gov.pt/wp-content/uploads/2020/01/Manual-EQUIX.pdf>

PAPÉIS SOCIAIS DE GÉNERO: Conjunto de normas de ação e comportamento, tradicionalmente atribuídas a homens e mulheres e classificadas, respetivamente, por masculinas e por femininas. Os papéis de género aprendem-se através de processos de socialização e podem alterar-se não sendo, por isso, fixos.

Fonte: *A igualdade em 100 palavras: glossário de termos sobre igualdade entre homens e mulheres*. DG Emprego e Assuntos Sociais.

PARTICIPAÇÃO EQUILIBRADA DE MULHERES E HOMENS: Partilha de responsabilidades e de prerrogativas entre mulheres e homens em todos os domínios, constituindo uma condição da igualdade entre mulheres e homens.

Fonte: *A igualdade em 100 palavras: glossário de termos sobre igualdade entre homens e mulheres*. DG Emprego e Assuntos Sociais.

PATRIARCADO: Sistema social no qual os homens, ou o que é considerado masculino, têm mais importância do que as mulheres ou o que é considerado feminino. As sociedades têm sido organizadas de forma a que a propriedade, a residência, a descendência e as decisões sobre a maioria dos aspetos da vida costumam pertencer aos homens. As justificações para este tipo de organização social costumam ser de natureza biológica (porque dão à luz, as mulheres estão naturalmente mais preparadas para serem cuidadoras, por exemplo) e tendem a dar o mote para diversas formas de discriminação sexual das mulheres.

Fonte: Gender Equality Glossary, UN Women Training Center, em linha, disponível em <https://trainingcentre.unwomen.org/mod/glossary/view.php?id=36&mode=letter&hook=P&sortkey=&sortorder=asc>

SEGREGAÇÃO PROFISSIONAL DO MERCADO DE TRABALHO: Concentração das mulheres e dos homens em diferentes tipos de trabalho/profissões e em diferentes níveis de atividades. Nesta concentração as mulheres veem-se confinadas a um leque restrito de ocupações/profissões (segregação horizontal) e aos níveis inferiores de responsabilidade e de decisão (segregação vertical).

Fonte: Comissão Europeia (1998). 100 palavras para a igualdade: um glossário de termos sobre a igualdade entre mulheres e homens.

SEXO: Refere-se às características biológicas e fisiológicas que definem mulheres e homens. “Macho” e “fêmea” são categorias sexuais.

Fonte: Organização mundial de saúde

SEXISMO: Refere-se a qualquer atitude, gesto, representação visual, linguagem oral ou escrita, prática ou comportamento baseado no pressuposto de que uma pessoa ou grupo de pessoas é inferior em razão do sexo, que ocorra na esfera pública ou privada, por via eletrónica ou não, com o objetivo de, ou que tenha como consequência: ofender a dignidade intrínseca ou os direitos de uma pessoa ou um grupo de pessoas; provocar danos ou sofrimento físico, sexual, psicológico ou socioeconómico a uma pessoa ou um grupo de pessoas; criar um ambiente intimidatório, hostil, degradante, humilhante ou ofensivo;. entrar a autonomia e o pleno gozo dos direitos humanos de uma pessoa ou um grupo de pessoas ou perpetuar e reforçar estereótipos de género.

Fonte: CoE – Recomendação CM/Rec(2019)1

4. A FECHAR...

PASSOS PARA O FUTURO

Este Guião pretende ser uma ferramenta de apoio ao trabalho quotidiano das comunidades educativas na promoção de vidas mais livres, justas e felizes. Todos os recursos que procuramos apresentar de forma direta e prática ao longo desta publicação, só ganharão sentido ao serem apropriados por profissionais de educação e adaptados às suas realidades e contextos específicos.

Acreditamos que a experiência do projeto CUIDAdania e dos anos de trabalho de parceria da Coolabora com as escolas da região, são um espólio rico de aprendizagens, que através desta publicação, esperamos inspire outros tantos projetos em prol de práticas educativas cada vez mais livres de estereótipos de género. Como pudemos verificar pelos testemunhos de quem acompanhou as atividades, as metodologias da educação não formal utilizadas, que promovem a participação ativa de crianças e jovens, que abrem espaço para a criatividade mas também desenvolvem competências de negociação, autonomia e responsabilização, são a aposta mais eficaz para a mudança de mentalidades e comportamentos, tendo grande impacto nas e nos estudantes.

As atividades neste contexto permitiam que os alunos e as alunas, em grupos, refletissem acerca dos problemas que sentiam, em razão da desigualdade de género (por exemplo, uma das atividades consistia em escrever em folhas, o melhor e o pior de ser rapariga, e o mesmo para o rapaz). A primeira turma com a qual contactei apresentou mais dificuldades em aderir ao desafio: por exemplo, neste primeiro contacto notei que as raparigas eram mais participativas que os rapazes na atividade que lhes foi requerida, encarando o projeto com mais seriedade, enquanto os rapazes faziam muitas vezes “troça” das afirmações das colegas. Ainda assim, no final, as ideias sugeridas pareciam ter imposto respeito a todos os membros da turma, que as ouviam atentamente enquanto o ou a porta-voz de cada um dos grupos as enunciava em voz alta diante de todos e todas na sala.

Constança Gonçalves – estudante da UBI e voluntária do projeto

Abrir espaços de exercício concreto da cidadania é a melhor forma de cumprir o desígnio da Escola do século XXI – formar cidadãos e cidadãs “que privilegie(m) a igualdade nas relações interpessoais, a integração da diferença, o respeito pelos Direitos Humanos e a valorização de conceitos e valores de cidadania democrática”, tal como determina a Estratégia Nacional de Educação para a Cidadania e é para isso que gostaríamos que este Guião contribuísse. Pela nossa experiência, quando é dada a oportunidade a crianças e jovens de serem sujeitos plenos, agentes de cidadania ativa ou ativistas de direitos humanos, o resultado é muito positivo e pode até transformar vidas.

Este projeto deu-nos a ideia de fazermos um filme “Passo a passo mudamos o mundo”: Guilherme e Helena andam pela escola a resolver problemas em que os alunos e alunas estão em situação de desigualdade de género. Por exemplo: meninos a jogarem

à bola e a excluírem as meninas; meninas a saltar à corda e os meninos de parte; concurso de talentos em que meninos querem fazer ballet mas têm vergonha; um casal que pratica ginástica mas ele é gozado por gostar de ginástica; meninos a gozarem com meninas que criaram equipa para jogarem à bola.

Bruna, Helena, Guilherme e Enzo - alunas e alunos do 6º ano de escolaridade

Nós achamos que era importante criar atividades nas escolas no final de cada ano letivo em que se apresentam os diferentes cursos disponíveis e em que rapazes e raparigas pudessem experimentar participar numa aula desses cursos. Isto porque há muito a ideia de que há cursos para rapazes e cursos para raparigas e se experimentássemos podíamos descobrir que não é bem assim.

Também deviam existir campanhas que desmistifiquem os papéis associados a rapazes e raparigas e que devem começar nas escolas primárias feitas por jovens dos anos seguintes.

Ana, Laura, Amina e Inês - alunas do 9º ano de escolaridade

Uma das coisas mais importantes era fazer formação dos professores de educação física para reforçar a integração de raparigas em modalidades de desporto consideradas masculinas. Por exemplo, a formação de equipas mistas, haver mais raparigas “chefes de equipa” e, uma vez por período, os rapazes praticarem atividades físicas associadas às raparigas e vice-versa.

Ângelo, Bruna, Lara, Catarina e Tiago - alunas e aluno do 9º ano de escolaridade

Deixar aqui estas ideias partilhadas pelas e pelos participantes das oficinas do CUIDAdania serve não só para ampliar o seu potencial impacto, propagando-as por outras escolas, mas também para sublinhar a importância de envolver as e os jovens nos processos de decisão e concretização destas propostas. Ou seja, dar ideias é apenas o primeiro passo, importa depois avançar na reflexão acerca da sua pertinência e exequibilidade e fazer parte do processo necessário à sua concretização. O trabalho pela igualdade de género precisa de (ultra)passar as paredes das salas de aulas e chegar aos restantes espaços das escolas e até à comunidade local. O próximo testemunho que partilhamos é de um estudante de arquitetura voluntário no projeto e refere-se exatamente ao que acontece além da sala de aula.

Ao dirigir-me para a sala de aula onde iria ocorrer a sessão presenciei os fluxos e a vida dos espaços de lazer durante os intervalos e tive a visão típica dos campos de jogos serem vivenciados na sua maioria por rapazes. Apenas vi uma rapariga a interagir nestes campos. Esta é uma imagem que se tem destes espaços das escolas e que, infelizmente, persiste. Penso que deve passar pela reflexão da própria escola sobre os seus locais de lazer e de procurar soluções de modo a combater esta questão. Sou aluno do curso de arquitetura e sei que nós, arquitetos/as e estudantes, enquanto criadores/as, pensadores/as e críticos dos espaços, também devemos questionar este facto. Deve-se promover ao incentivo e à criação destes novos locais com zonas agradáveis, simpáticas e versáteis à realização de várias atividades que impulsionem a interligação entre adolescentes, sendo estes espaços o menos estereotipados

possível e que diferenciem a vivência do fluxo estudantil nas horas de lazer, de modo a combater o típico aglomerado de pessoas nos campos de jogos e promover a relação social entre géneros.

Joel Filipe – estudante da UBI e voluntário do projeto

Sabemos que, muitas vezes, as escolas se sentem assoberbadas, que as exigências feitas a esta instituição parecem ser cada vez mais e maiores e, de facto, ao acompanhar os tempos e a complexidade social que se afigura crescente, o trabalho na educação não parece que venha a ser simplificado. No entanto, vemos alguns fatores que podem facilitar esse caminho futuro e que nos parecem condições de sucesso e crescimento do trabalho na área da Educação para a Igualdade, Cidadania e Desenvolvimento. Desde logo, a adoção de metodologias de educação não formal, mais horizontais, como o trabalho de projeto e a educação entre pares; por outro lado, o trabalho de estreita parceria entre a escola e organizações não governamentais/associações, especialmente aquelas que se dediquem às questões da igualdade de género. A Coolabora continuará disponível para fazer esse caminho, seja através dos recursos pedagógicos que vai disponibilizando no seu site, quer através do trabalho das suas técnicas e voluntárias e voluntários.

Participar no projeto Cidadania significou partilhar caminhos de cidadania com aqueles/aquelas que vão crescendo connosco, nos/nas quais procuramos deixar a vontade de um propósito maior – contribuir para a construção de um mundo mais justo. Cada minuto passado em cada uma das sessões significou uma sementinha que, de certo, germinará na construção de uma ponte para esse tal mundo melhor.

Telma Afonso – professora do ensino secundário

..... BIBLIOGRAFIA

Alvarez, T., & Vieira, C. C., (2014). O papel da Educação no caminho que falta percorrer em Portugal na desconstrução dos estereótipos de género: breves reflexões. "Exedra" [Em linha]. ISSN 1646-9526. Suplemento (2014), p. 8-17

<https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/7128/1/sup14-8-17.pdf>

CNE - Conselho Nacional da Educação (2021). Estado da Educação 2020.

<https://www.cnedu.pt/pt/>

Cunha, T. & Silvestre, S., (Orgs.). (2008). Somos Diferentes, Somos Iguais – Diversidade, Cidadania e Educação. AJPaz.

https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/42650/1/Somos%20Diferentes%2C%20Somos%20Iguais_Diversidade%2C%20Cidadania%20e%20Educa%C3%A7%C3%A3o.pdf

SANTOS, R. & ROLINO, T. (2019). Manual de Promoção de Igualdade de Género e de Masculinidades Não Violentas. Centro de Estudos Sociais.

<https://estudogeral.uc.pt/bitstream/10316/88683/3/Manual%20de%20promocao%20de%20igualdade%20de%20genero%20e%20de%20masculinidades.pdf>

Outras Referências

Estratégia Nacional de Educação para a Cidadania (2017)

https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Projetos_Curriculares/Aprendizagens_Essenciais/estrategia_cidadania_original.pdf

Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória

http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Projeto_Autonomia_e_Flexibilidade/perfil_dos_alunos.pdf

Assédio

Política reversa contra os assédios praticados

• Ao presenciar algum acontecimento deste género na escola, dependendo da gravidade dessa ocasião o responsável deve considerar a expulsão.

• Medidas de prevenção como reuniões semanais com os alunos e de modo a termos contacto com diferentes pontos de vista. Refletir sobre estes aspectos e formas de adquirir mais experiência para não influenciar mal no ambiente.

Desconstrução Soci

Realização de f

ficados nas escolas.

deve-se relatar à direção
a medida devera ser a

com diferentes psicólogos
fazendo-nos a
valores que



CUIDAdania

Cuidado e Cidadania
na Construção da
Igualdade nas Escolas